**EDIÇÃO HISTÓRICA**

# QUE PENA, BRASIL

**COMO A DERROTA DA SELEÇÃO DE FALCÃO, ZICO, SÓCRATES E JUNIOR PARA A ITÁLIA NA COPA DE 1982, ETERNIZADA PELO CHORO DO MENINO NO ESTÁDIO DE SARRIÁ, AJUDA A MOLDAR O FUTEBOL QUARENTA ANOS DEPOIS**

NOTÍCIA
NÃO TEM
INTERVALO.

A derrota para o Uruguai, em 1950, no Maracanã: atalho para o título de 1958

FOTOTECA NINES/EFE

# AQUELES DIAS DE INVERNO

Houve 1950, o 2 a 1 para o Uruguai transformado no Maracanazo e no trauma de uma geração. Pelé, que tinha apenas 10 anos, conta ter ficado chocado com o choro do pai, para então prometer que um dia ganharia uma Copa do Mundo para o Brasil. Houve 2014, a história repetida como farsa, o 7 a 1 para a Alemanha no Mineirão, e que só não ficou tão tristemente carimbado porque soou inverossímil, mais afeito a risos nervosos do que a lágrimas. As duas maiores derrotas brasileiras nas Copas realizadas em casa são marcos indeléveis — da primeira se pode dizer que serviu de atalho para a reconstrução que culminaria com o título de 1958, e o fim do complexo de vira-lata a que se referia Nelson Rodrigues. Depois da segunda, e foi outro dia mesmo, não há lição que possa ser extraída.

Uma outra decepção deveria estar sempre na ribalta — a de 1982, aquele 3 a 2 contra a Itália, no Sarriá, que completa agora quarenta anos. Não foi numa final, como em 1950, nem tampouco numa semifinal, como em 2014, mas deixou um travo amargo. Virou hábito dizer que o fracasso daquela equipe de Telê Santana, com Sócrates, Zico, Falcão, Junior e cia., marcou o fim do entusiasmo com o chamado futebol-arte, peça inaugural para um estilo mais fechado, calculista e retranqueiro. O distanciamento autoriza, hoje, a pensar de modo diferente: nunca fomos tão felizes, apesar da dor. Aquele grupo não ergueu a taça, mas não seria exagero dizer que tem relevância equivalente — ou mesmo maior — aos que em 1994 e 2002 voltaram com festa em cima do caminhão do corpo de bombeiros.

Um modo de medir a força daquele escrete, gloriosamente vencido, é perceber como ele

O ilustrador Oberdan *(acima, em autorretrato)* e os ingleses Julie Barber e Stuart Horsfield: entusiasmo

ARQUIVO PESSOAL

O 7 a 1 contra a Alemanha, em 2014, no Mineirão: a história repetida como farsa

RICARDO CORRÊA

ainda emociona — e por isso merece uma edição inteira e histórica. Quando a redação de PLACAR começou a imaginá-la, uma das ideias foi buscar textos de jornalistas de fora do Brasil, de modo a entendermos como repercute a canarinho que disputou o Mundial na Espanha. O inglês Stuart Horsfield, autor do livro *1982 Brazil: The Glorious Failure*, atendeu com raro interesse o convite para ceder um dos capítulos de seu trabalho. "Marcou minha infância, será uma honra estar nas páginas de PLACAR", disse por telefone, minutos depois de receber uma mensagem. Horsfield ficou tão animado que pediu a uma colega, a ilustradora Julie Barber, um desenho que ajudasse a iluminar suas tristes impressões daqueles dias, como se vê na abertura da reportagem da página 48. Entusiasmo igual foi o que demonstrou o cartunista gaúcho Oberdan Machado, autor do desenho de capa, que não por acaso recebeu a mesmíssima chamada da edição de PLACAR publicada logo depois da eliminação em 1982, frase sugerida por Sócrates: "Que pena, Brasil".

Que aqueles dias de verão europeu, inverno no Brasil, sejam eternizados. Ou, como diz o advogado José Carlos Vilella, o menino em prantos da icônica capa do *Jornal da Tarde*, ao rever a si mesmo na infância: "É sinônimo de fracasso, sim, mas também de como devemos enfrentá-lo, de coração aberto e sinceridade". ■

# ÍNDICE



**CAPA: ILUSTRAÇÃO DE OBERDAN MACHADO**


**VICTOR CIVITA** (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

**Publisher:** Fábio Carvalho

**Diretor de Redação:** Mauricio Lima

**PLACAR**

**Redator-chefe:** Fábio Altman
**Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro
**Repórter:** Leandro Miranda **Estagiárias:** Maria Fernanda Sousa Lemos e Mariáh Magalhães **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite e Eric Cavasani Vechi (estagiário) **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas

**Colaboraram nesta edição:** Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo e Ismael Canosa (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Guilherme Azevedo, Klaus Richmond, Guiherme Goya, Celzo Unzelte, Stuart Horsfield e Ivan Martins (texto); Julie Barber e Oberdan Machado (ilustração)

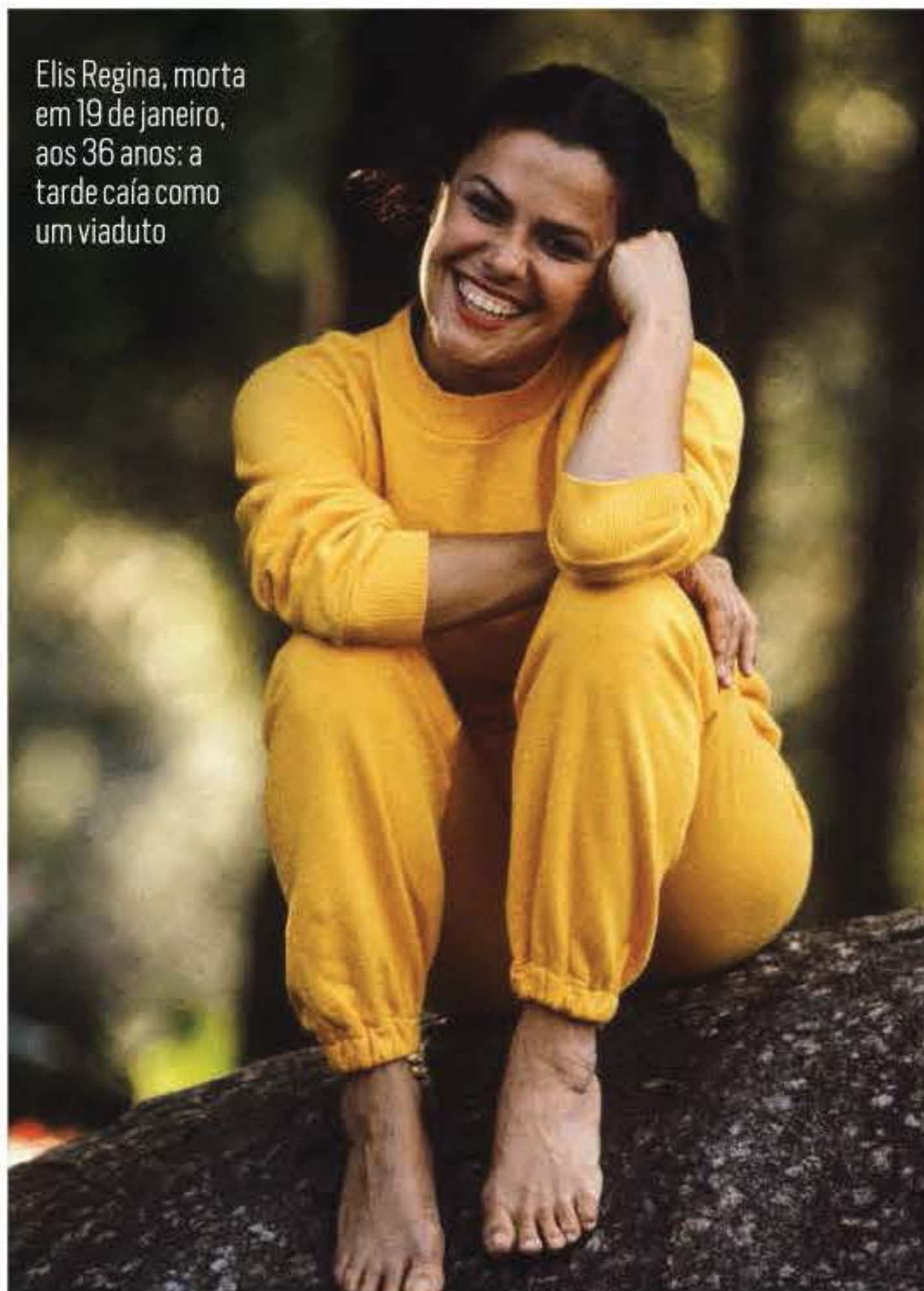
**DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

**Redação e Correspondência:** Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1° e 2° andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

**PLACAR** 1 488 (789 3614 11176 6), ano 53, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-7752828
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

Elis Regina, morta em 19 de janeiro, aos 36 anos: a tarde caía como um viaduto

PEDRO MARTINELLI

As tropas inglesas nas Ilhas Malvinas, chamadas por eles de Falklands: vergonha para os ridículos generais da Argentina

# O MELHOR E O PI

O Brasil de 1982 começava a sair da ditadura militar — esperançoso, mal sabia o que fazer com a liberdade que brotava timidamente. Havia a euforia do futebol, mas também a tristeza pela morte de Elis Regina e o temor com uma guerra bem aqui ao lado

Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos. Foi a idade da sabedoria, foi a idade da tolice. O ano de 1982, convenhamos, foi erguido por doze meses um tanto esquisitos. As rádios não paravam de tocar *Muito Estranho,* do fluminense Dalto ("Hum, mas se um dia eu chegar muito estranho / deixa essa água no corpo / lembrar nosso banho"). Ele só perdia espaço para Olivia Newton-John com a batida forte do megassucesso *Physical* (em tradução livre para o português: "Te levei a um restaurante intimista / e depois para ver um filme sugestivo / não há o que dizer / a menos que seja na horizontal / vamos passar para o físico"). E quando parecia que nada poderia piorar, os programadores tascavam Biafra, com

EFE

# OR DOS TEMPOS

*Leão Ferido* ("Tenho que ser bandido / tenho que ser cruel / um leão ferido feroz").

Foi o pior dos tempos, foi o melhor dos tempos. As canções brasileiras, sem vergonha de ser felizes, pareciam reproduzir o ambiente do país — ainda não vivíamos a democracia plena, mas a ditadura militar começava a sair correndo pelas portas dos fundos, vencida pelos movimentos populares e pela fibra de parlamentares da oposição. O presidente João Figueiredo já havia dito que, para ele, "o cheirinho do cavalo é melhor que o do povo". A anistia promulgada em 1979, "ampla, geral e irrestrita", mas que pouparia os torturadores, empurrava a sociedade para a esperança de dias melhores — iluminados, insista-se, por letras de músicas sorridentes. No cinema, estreava *Pra Frente, Brasil*, de Roberto Farias, pioneiro ao revelar as torturas da repressão. No futebol, a Democracia Corintiana de Sócrates, Casagrande e Wladimir dava seus primeiros passos. Lula, aos 37 anos, inaugurava sua carreira política na eleição para governador de São Paulo, a primeira desde 1965. Ficou com a quarta

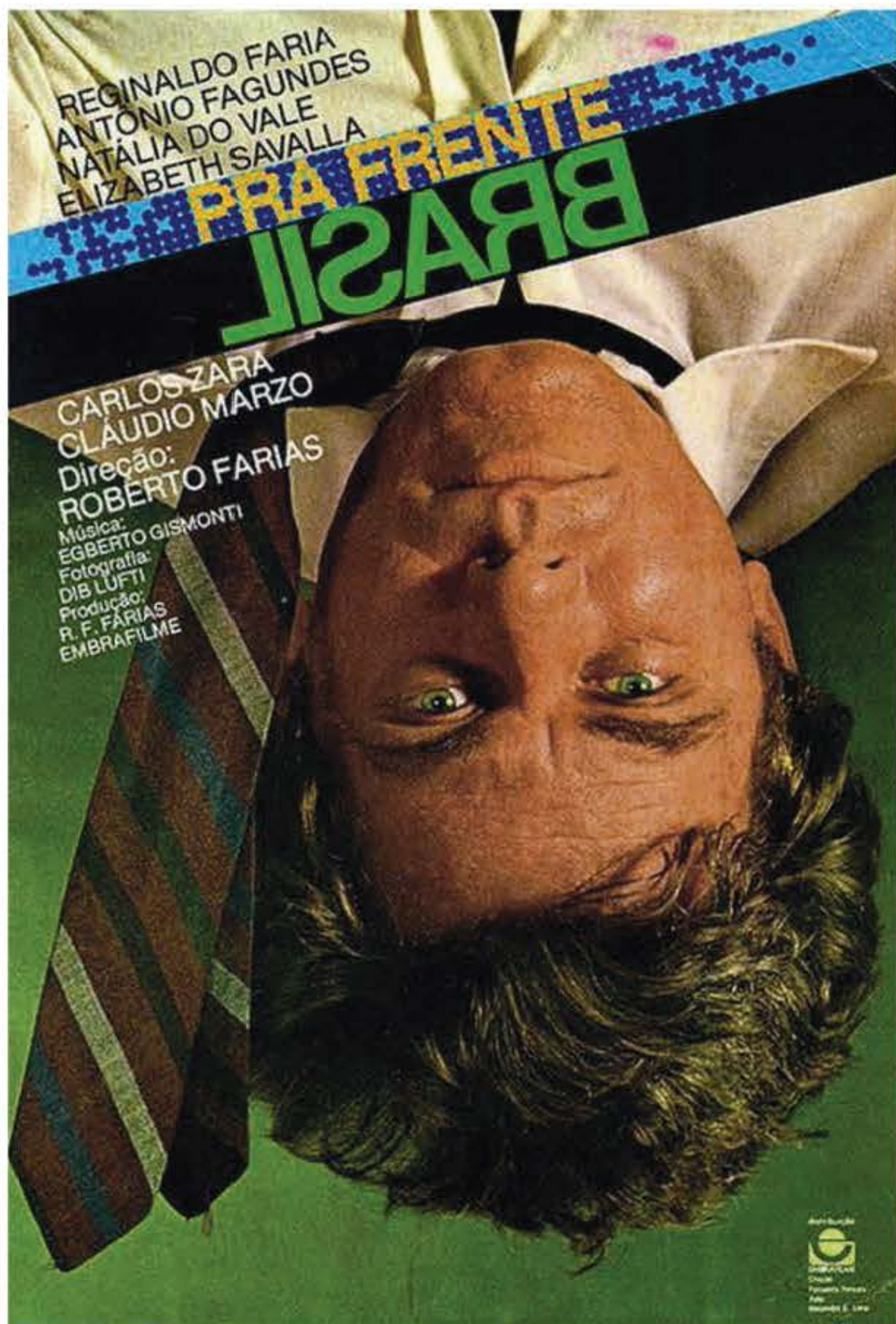
Uma rua enfeitada com Pacheco, o torcedor-símbolo, criado pelo fabricante de uma lâmina de barbear: o Brasil ligado na seleção de Telê

colocação (o escolhido foi Franco Montoro, de um PMDB que brotara das entranhas da luta contra os militares). Jair Bolsonaro, aos 27 anos, cursava a Escola de Educação Física do Exército — e começava a trilhar o caminho radical que, em 1987, segundo revelaria a revista VEJA, o levaria a bolar um plano de explodir bombas em unidades militares do Rio de Janeiro para pressionar o comando fardado por soldos mais polpudos. Na reportagem, que levaria ao desmantelamento da absurda ideia, havia um croqui do próprio Bolsonaro com indicações da adutora de Guandu e o rabisco de uma carga de dinamite detonável por intermédio de um mecanismo elétrico instalado num relógio.

Mas voltemos ao ano de 1982, que deu as caras com a expectativa da Copa do Mundo na Espanha e uma seleção brasileira que começou a encantar o mundo no ano anterior, com o vice-campeonato do Mundialito do Uruguai e um quarteto invejável, com Zico, Falcão, Sócrates e Junior. Faltava, con-

ANTONIO AUGUSTO FONTES

DIVULGAÇÃO

O pôster do filme *Pra Frente Brasil*, com Reginaldo Farias: o primeiro a mostrar imagens da tortura promovida pela ditadura militar

tudo, segundo o torcedor encarnado pelo Zé da Galera de Jô Soares, um dos mais celebrados personagens de televisão daquele tempo, um ponta. "Bota o ponta, Telê!", esbravejava o fiel da amarelinha, em um tempo em que a amarelinha não era sinônimo de postura partidária, sequestrada politicamente, e podia ser usada por qualquer lado do espectro ideológico. Havia entusiasmo em torno de uma bola de futebol e de uma equipe promissora, apesar da cabeça-dura e inteligente do treinador mineiro. Havia também algum receio, como anotou o então diretor de redação de PLACAR, Juca Kfouri, numa das primeiras Cartas ao Leitor daquela temporada, em janeiro: "Quando as bolinhas começaram a girar, no último sábado em Madri, definindo os grupos da Copa da Espanha, nossas cabeças e corações giraram com elas. E torcemos para que a sorte nos contemplasse. Até o sóbrio e competente Luciano do Valle, comandando a transmissão exclusiva da TV Globo, não conseguiu disfarçar sua decepção, primeiro

pela inclusão da Nova Zelândia, depois pela da URSS, no grupo do Brasil. Não era para menos. Afinal, vamos ter a companhia do mais forte entre os mais fracos — a Nova Zelândia —, do mais forte entre os que não foram para cabeça de chave — a URSS — e, ainda por cima, da Escócia, o melhor selecionado entre os britânicos, com o perdão de sua majestade, a Rainha Elizabeth, que há de preferir a Inglaterra".

De janeiro a junho, se tudo corresse bem, teríamos um semestre de agradável apreensão, movido pela onipresença do torcedor-símbolo, o Pacheco, criado pela fabricante de uma lâmina de barbear. E, então, começaríamos o melhor dos tempos. Contudo, antes mesmo do Carnaval, veio o pior dos tempos. Em 19 de janeiro daquele ano, o Brasil perderia Elis Regina, a maior de suas cantoras, e a tarde caiu como um viaduto. Haveria ainda mais drama, para estragar o prognóstico de um ano aprazível. Em 2 de abril, a ditadura argentina de Leopoldo Galtieri decidiu invadir as Ilhas Malvinas, deflagrando a guerra que as tropas de Margaret Thatcher dariam cabo em dois meses. Em 14 de junho, os argentinos capitularam. "O inverno austral esfria, faz muito frio", relataria um general britânico. Na véspera, a Argentina de Maradona tinha perdido de 1 a 0 para a Bélgica. E enfim, naquele mesmo 14 de junho, o Brasil ganhou de virada da URSS, por 2 a 1, em Sevilha. O mundo parava para acompanhar o futebol, a mais importante das atividades sem importância.

O resto virou história, que quarenta anos depois ainda ressoa. E o Brasil que chorara por Elis, assustado com um conflito bélico aqui ao lado, derramaria lágrimas por causa de Paolo Rossi e aqueles três gols. Houve quem tentasse reescrever a história, mas não conseguiu. Uma rádio de Manaus chegou a anunciar que os italianos tinham perdido os pontos, subtraídos em decorrência de exame positivo para doping de Rossi, e as bandeirinhas verde-amarelas voltaram a tremular nos fios elétricos do Amazonas, segundo relata o livro *Sarriá 82 — O que Faltou ao Futebol Arte?*, de Gustavo Roman e Renato Zanata, que acaba de ganhar nova edição. O goleiro Waldir Peres, entrevistado pelo Caroço — O Podcast Bom de Bola em 2005, numa divertida e por vezes melancólica sessão chamada "Um Gol Imaginário", destinado a criar lances que nunca ocorreram, preferiu escolher uma defesa — e na imaginação do falecido goleiro, ele pegava aquela última bola de Rossi. O jogo terminaria em 2 a 2, com o Brasil classificado para a semifinal contra a Polônia. Só que não...

BETTMANN ARCHIVE

Democracia: o início da carreira de Lula na política, candidato derrotado a governador do estado de São Paulo. O vencedor foi Franco Montoro, do PMDB

A aventura de 1982, vista hoje, só cresce. Alimenta a eterna discussão entre o fute-

ARQUIVO

bol arte e o futebol de resultados, em embate tolo. O 3 a 2 já não dói tanto e, para quem gosta de bola, é atalho afeito a entender a evolução dos esquemas de jogo, o que funciona e o que dá errado. Quarenta anos depois, cinco protagonistas já morreram, e cabe homenageá-los: Sócrates, Waldir Peres e Dirceu, do lado brasileiro, Rossi e o zagueiro Scirea, do italiano.

Nas próximas páginas, você voltará ao passado para curtir o melhor dos tempos — jogo a jogo, o diário escrito por Sócrates para PLACAR, as fotos mais espetaculares etc. — e o pior dos tempos, naquele 5 de julho que não se apaga. Poderíamos tratar dos vinte anos do penta de 2002, com Ronaldo, Rivaldo e cia., mas as derrotas são mais educativas. ■

Aventura: Bolsonaro cursava a Escola de Educação Física do Exército, palco de suas primeiras ideias obtusas, que o levariam a ser afastado

PEDRO MARTINELLI

# CANSADOS DE TANTO VAIVÉM

O Brasil estava dividido, naquele início de 1982, entre os que apostavam tudo no esquema de Telê e os que reclamavam da falta de um ponta-direita

O técnico e os jogadores na Toca da Raposa, onde treinavam: longe da unanimidade

PEDRO MARTINELLI

Careca sob cuidados médicos na Toca da Raposa: o atacante do Guarani precisou ser cortado pouco antes do início da Copa, para frustração geral da torcida

A cada Copa, a história se repete — com diferentes personagens e nuances. Antes da disputa de 1970, no México, a grande questão girava em torno de como montar o esquema. Afinal, tínhamos um elenco imbatível, mas Pelé e Tostão não podiam jogar juntos. Em 2006, todos queriam um quarteto mágico com Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano. Os críticos atacavam a formação com igual fervor. Há quatro anos, na Rússia, só se falava em Neymardependência, para elogiar e para detonar.

Por que, então, não haveria amor e ódio, confiança e vaias em 1982? Para lembrar o que aconteceu há quarenta anos, vamos voltar mais um tantinho. Em fevereiro de 1980, Telê Santana assumiu como treinador da seleção. Aos 49 anos, o ex-ponta-direita do Fluminense, que tinha conquistado o primeiro Campeonato Nacional (em 1971, com o Atlético-MG), rapidamente implantou uma forma de jogar que encantou torcida e imprensa. Naquele mesmo ano, celebrava-se o cinquentenário da primeira Copa e a federação uruguaia organizou a Copa de Ouro dos Campeões Mundiais, o chamado Mundialito. Em campo, os próprios anfitriões (donos da taça em 1930 e 1950), a Itália (1934 e 1938), a Alemanha Ocidental (1954 e 1974), o Brasil (1958, 1962 e 1970) e a Argentina (1978), além da Holanda (vice em 1974 e 1978).

Tudo muito simples e rápido: dois grupos de três, todos contra todos em turno único, os vencedores de cada chave disputam a final. O Uruguai venceu o Brasil por 2 a 1, mas o melhor futebol apresentado tinha mesmo sido o canarinho — nos confrontos contra a Argentina (1 a 1) e, principalmente, contra a Alemanha Ocidental (um acachapante 4 a 1). Dali em diante, o time verde e amarelo estava, mais uma vez, na lista dos favoritos para o Mundial da Espanha. Nas

RODOLPHO MACHADO

bolsas de apostas de Londres, o Brasil continuava em primeiro, seguido de Alemanha, Argentina, Espanha e... Itália.

Naquele primeiro semestre, antes da Copa na Espanha, foi disputada a Taça de Ouro do lado de cá do Atlântico. O Flamengo bateu o Grêmio e ficou com o troféu (aquele das bolinhas). Os onze melhores da Bola de Prata de PLACAR foram Carlos; Leandro, Juninho, Edinho e Vladimir; Batista, Pita e Zico; Lúcio, Careca e Biro-Biro. Sete deles (Carlos, Leandro, Juninho, Edinho, Batista, Zico e Careca) já estavam treinando na Toca da Raposa, entre os 22 convocados por Telê. Por isso, a festa da entrega dos prêmios foi realizada no centro de treinamento do Cruzeiro (logo depois, o atacante revelado pelo Guarani, que brilharia no Napoli, ao lado de Maradona, precisou ser cortado por causa de uma lesão). Na época, apenas dois craques da seleção atuavam no exterior: Falcão, para muitos o melhor do país, estava na Roma; e Dirceu, remanescente das Copas de 1974 e 1978 (quando foi escolhido pela Fifa o Bola de Bronze, o terceiro melhor atleta do torneio), no Atlético de Madri.

O clima, reafirme-se, era de confiança, apesar da aparente dificuldade no grupo de largada, com a perigosa União Soviética, a bem treinada Escócia e, vá lá, a frágil Nova Zelândia. As coisas caminhavam tranquilas até pintar uma desconfiança. Em 28 de maio, PLACAR estampou na capa uma foto do técnico com o título "Telê sob marcação cerrada". Na semana anterior, jogando no Recife, o Brasil não passou de um empate em 1 a 1 contra a Suíça (que estava fora da Copa) e a imprensa não poupou críticas. Desde o início do ano, havia uma animosidade com o fato de o time não ter um ponta-direita (justo a posição do próprio Telê) tradicional. Na TV, o humorista Jô Soares ao mesmo tempo resumia e moldava o espírito da torcida. "Bota ponta, Telê" era o bor-

Uma sombra de desconfiança: no penúltimo amistoso antes de embarcar para a Europa, um magro empate em 1 a 1 contra a Suíça voltou a levantar dúvidas sobre o time

# "BOTA PONTA NA SELEÇÃO, TELÊ"

Às vésperas da Copa da Espanha, o apelo dominava o país por meio de um dos mais conhecidos bordões do personagem Zé da Galera, estrela do programa *Viva o Gordo*, de Jô Soares

GERALDO MODESTO/TV GLOBO

O personagem querido e irritantemente engraçado da TV Globo: daqueles de se descabelar quando a seleção entrava em campo

A pedido de PLACAR, foi o próprio Jô quem escreveu um artigo sobre o futebol de mãos dadas com o Zé da Galera. Lê-lo, hoje, é passeio inteligente e preciso aos pontos técnicos e táticos que impediam a seleção de ser melhor do que era — e que culminariam com a derrota para a Itália. O texto foi publicado originalmente na edição de 21 de maio de 1982.

"Telê, o Zé da Galera abre o jogo toda semana no programa *Viva o Gordo* e eu vou abrir também aqui na PLACAR. Penso como o Zé da Galera — afinal, sou torcedor de me descabelar quando a seleção joga — e não posso deixar de insistir na pergunta: cadê os pontas, Telê?

Até o técnico português joga com pontas, Telê. Por que você não? E ainda me vem com Dirceuzinho, Telê! Sei que ele é muito famoso entre os adversários, considerado um jogador impossível de ser marcado por causa da sua correria louca em campo, além de ser um perfeito ladrão de bola. Todos já sabem que ele vai devolvê-la na jogada seguinte, na hora de dar o passe.

Telê, tem de ser ponta autêntico, como o Éder. Este, pelo menos, não estranha a grama do campo. Telê, convocar um jogador lá da Espanha para ser reserva na seleção — é o que vai acabar acontecendo com o Dirceuzinho — não tem sentido. Antes de mais nada, é uma injustiça com os pontas de verdade que estão no Brasil. Na direita, por exemplo, será que você não se lembrou do Julinho — aquele da seleção de 1954 — quando viu o garoto Renato, do Grêmio, enfrentando o incrível Junior, na final da Taça de Ouro contra o Flamengo? Tem que olhar, Telê.

Depois ainda me vem com Batista, Telê. Ele é bom rapaz, bom marcador do Adílio, isso tudo está me dando um certo temor porque me faz lembrar de 1978, do grilo de defender que se abate sobre a seleção toda vez que se aproxima uma competição importante. Começa logo a haver uma preocupação em ter jogadores que não deixem o time levar gols, em troca dos que sabem faturar. Se, extremamente ofensiva, a seleção deu aquele banho de bola nos europeus durante a excursão do ano passado, para que agora pensar em jogadores com espírito inverso daquele?

Está certo trazer o Falcão. Este, sim, craque criativo e que pode desequilibrar um jogo. Acho mesmo que, com Falcão, Zico e Sócrates, o meio-campo da seleção é o que há de melhor. Chega a me deixar com confiança de, ainda sem pontas, o Brasil conseguir, através do talento desses três jogadores, o título mundial. Mas seria bem mais tranquilizador se tivéssemos esse mesmo espírito decisivo, essa mesma categoria, nos demais setores do time.

Uma posição que levanta polêmicas e desconfiança é o gol. Mas, aí, acho que temos um rapaz que até agora sempre deu certo na seleção. O Waldir Peres é um dos melhores

"Na direita, por exemplo, será que você não se lembrou do Julinho — aquele da seleção de 1954 — quando viu o garoto Renato, do Grêmio, enfrentando o incrível Junior, na final da Taça de Ouro contra o Flamengo? Tem de olhar, Telê"

que apareceram. E ainda há, em seu favor, a tradição. No time brasileiro, sempre se destacou e marcou época goleiro que tinha fama de tomar frango no seu clube. Na seleção, Castilho, Gilmar e Félix se consagraram como um verdadeiro paredão para os chutes inimigos. E não vejo virtudes no Waldir, como em qualquer outro jogador dos que destaco, apenas pela experiência. Aliás, acho que experiência nada tem a ver com competência em campo. Se não fosse assim, Pelé, Garrincha e tantos outros não explodiriam o mundo de alegria tão novos como eram em 1958, na Suécia. O negócio é talento, não idade, certo, Telê?

Uma outra dúvida que eu tenho é quanto ao fato de não se aproveitar na seleção a base de um time de sucesso, como foi na maioria das vezes em que brilhamos. Em 1958, a base era Botafogo e Santos, assim como em 1962. Desta vez, tinha de ser o Flamengo. Afinal, é um time em que quase todos os jogadores já foram da seleção e hoje joga o mais perfeito, bonito e entrosado futebol em todo o mundo. Chego a apostar que o Flamengo, atualmente, não perde para seleção nenhuma do mundo. Se o Brasil pegasse esse time, colocasse nele o Sócrates e disputasse a Copa, sairia da Espanha tetracampeão, Telê. E sou uma pessoa imparcial ao falar isto, porque gosto tanto de futebol que ainda consigo ser Fluminense.

Como a sua seleção não é mesmo formada com a base rubro-negra, pelo menos deveria ter o mesmo ritmo de jogo do Flamengo, que já provou ser um sucesso. Vejo sua seleção ainda muito lenta, e fico torcendo para que ela ganhe, daqui para a frente, pelo menos a velocidade e o talento do Flamengo.

Fico, portanto, ao lado do Zé da Galera, fazendo algumas críticas e tendo muitas desconfianças de uma seleção sem pontas, sem rapidez e que às vezes dá a impressão de tomar os caminhos do defensivismo. Mas fico também torcendo com o Zé da Galera, seja qual for o time e a tática, pelo título de tetracampeão. Né mesmo, Zé?"

dão que todos repetiam incansavelmente *(leia no texto do próprio Jô, ao lado)*.

Apenas uma semana depois, PLACAR já estava nas nuvens, como se sofresse de algum tipo de bipolaridade. "Assim vamos ao tetra" era a chamada de capa, com uma foto de Sócrates e Zico, braço erguido e sorriso aberto, celebrando a goleada por 7 a 0 sobre a Irlanda, no último amistoso antes da estreia. "O time embarca para a Espanha sem um único jogador de talento discutível e com pelo menos seis gênios do porte de Luizinho, Junior, Falcão, Cerezo, Sócrates e Zico", cravou a revista. Além de craques, todos despontavam como garotos-propaganda, numa era em que o marketing ainda engatinhava no futebol. E, acredite se quiser, Junior brilhava também nas paradas de sucesso, com a gravação do samba *Voa, Canarinho*, exaltando a nossa arte.

O que ninguém acreditava é que a Itália pudesse ser a pedra no caminho. Sim, alguns parágrafos atrás você leu que a Azzurra era a quinta favorita ao título. Mas o futebol apresentado nos jogos da primeira fase fez com que o time de Enzo Bearzot fosse praticamente ignorado. O histórico recente dos futuros campeões também não ajudava. Em março de 1980, estourou um escândalo conhecido como Totonero, de manipulação de jogos da Série A. De forma muito resumida, o esquema era o seguinte: jogadores dos

Em janeiro de 1981, uma vitória arrasadora sobre a Alemanha Ocidental: ali a seleção do craque peladeiro Cerezo começou a ganhar fama que encantaria o mundo nos gramados da Espanha em 1982

PEDRO MARTINELLI

# RELATÓRIO DE UM TURISTA ÀS VÉSPERAS DA COPA

Na Europa sentia-se a ansiedade pelo torneio com o mesmo interesse fanático dos brasileiros. Mesmo nos Estados Unidos, tão alheios ao futebol, havia atenção, especialmente entre os imigrantes hispânicos

**Luís Fernando Verissimo**

ADOLFO GERCHMANN

O cronista gaúcho: graça e inteligência de um colorado que acompanhou a equipe de Telê com carinho especial

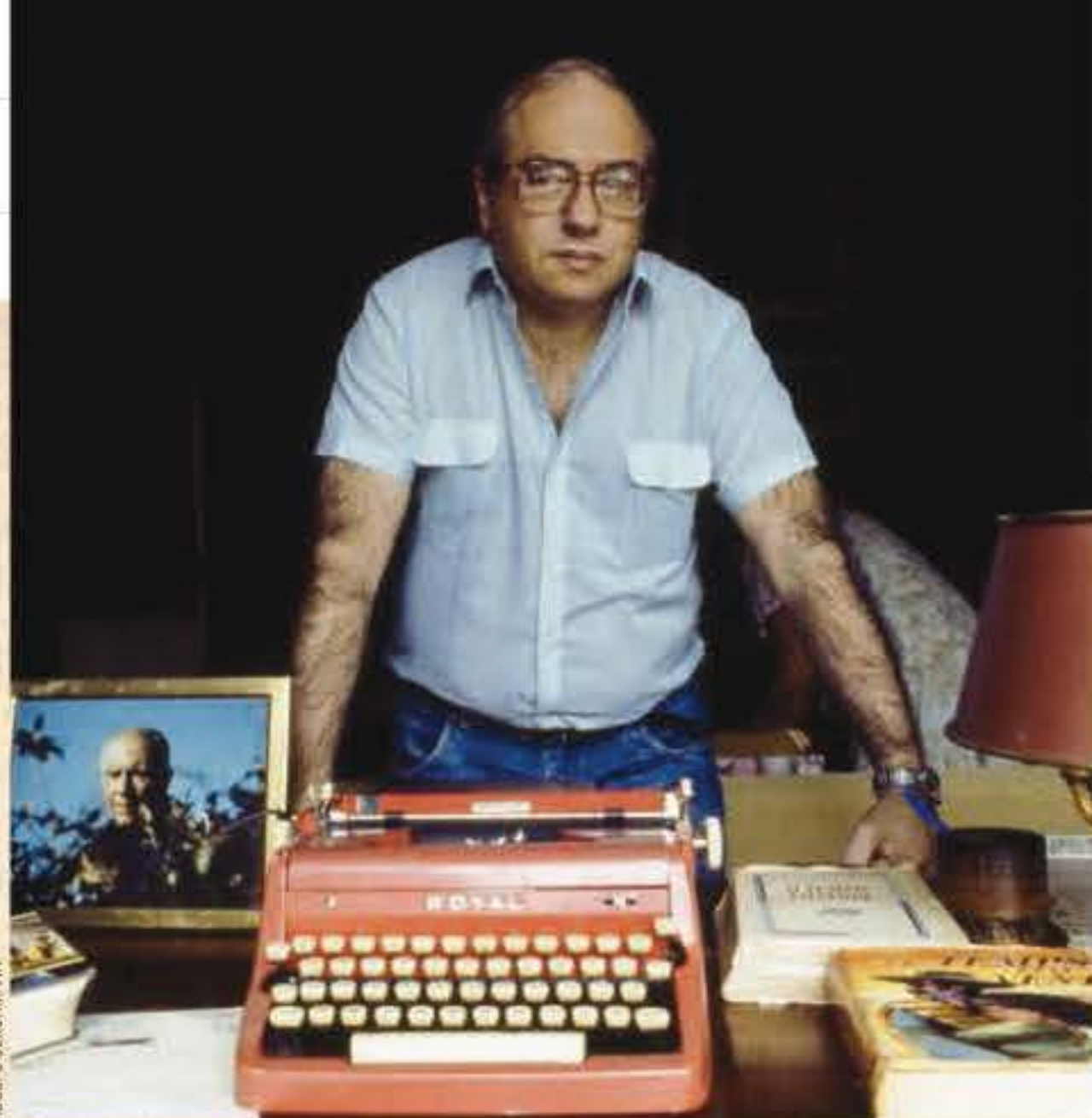
Em 4 de junho, um dos mais respeitados cronistas brasileiros, e conhecedor de futebol, contou a PLACAR as expectativas para o torneio. Era o perfeito resumo do que o Brasil e o mundo pensavam naquele momento.

Havia um soldado com metralhadora ao lado do avião quando descemos em Istambul. Mais soldados com toda a parafernália de guerra espalhados pela pista. A ala de desembarque do aeroporto é um galpão sombrio. Os policiais em serviço eram homens sombrios. Apresentei nossos passaportes com um mau pressentimento. Não falo turco e o policial não parecia disposto a falar qualquer outra língua que nos aproximasse. Vi tudo. Um mal-entendido e acabaríamos na prisão pelo resto da vida. Ou tentaríamos fugir, em pânico, e seríamos metralhados sem dó. "Visa", disse o policial, entre outras palavras indecifráveis. Fiz aquela cara internacional de "sei lá". Não tinha visa. Não sabia que precisava. Sorri para me desculpar. Ele não aceitou as desculpas. Falou mais alguma coisa em sua língua infernal. Sempre de cara fechada. "Turista", disse eu, querendo dizer "inofensivo" ou "débil mental". Não adiantou. Precisava de visa. Ou então — me explicou uma providencial funcionária do aeroporto em inglês, enfim uma língua cristã — teria de pagar 10 dólares. Fui trocar dinheiro e deixei minha mulher, como garantia, cercada por turcos mal-encarados (redigi, mentalmente, o telegrama que mandaria para casa: "Mamãe vendida ao sultão. Segue carta"). Depois, a Lúcia me contou que um dos policiais apontou para ela e perguntou, sério: "Argentina?". Ao ser informado de que era brasileira, deu um sorriso, controlou uma bola imaginária com o pé, e exclamou "Pelé". Estávamos num país amigo.

Em todos os lugares em que andamos o futebol seria, se quiséssemos, uma linguagem comum com motoristas de táxi, vizinhos de mesa ou gente de rua. Sente-se a expectativa com a Copa do Mundo com quase a mesma intensidade que há no Brasil em toda a Europa. Em Roma cheguei a participar, como terceiro coadjuvante, de um importante episódio da história contemporânea. Estava com o Araújo Netto quando ele tentava se comunicar com o Falcão para transmitir um recado do Giulite Coutinho para o Roma sobre a liberação do jogador. Grande emoção. Cheguei a Paris um dia depois da seleção do Peru ter derrotado a da França num amistoso, deixando os franceses mais irritados do que de costume. Mas eles parecem confiar na seleção de Platini, Six e os outros. E senti, por leituras rápidas e frases entreouvidas, que há muito respeito pela Bélgica. Cuidado com os belgas, portanto. É a única contribuição, de informante não muito atento, que possa dar. Ninguém sabe menos do lugar onde esteve do que o turista.

> "Em suma: a Itália não acredita na sua seleção, os franceses acreditam, os turcos eu não sei o que pensam, temem-se os belgas e o Brasil é o favorito. Pelo menos em Nova York"

Na Inglaterra, impressiona o número de publicações sobre a Copa. Livros, revistas es-

peciais, álbuns, folhetos coloridos, tudo alimentando o que parece ser um interesse voraz pelo futebol em geral e pelas finais na Espanha em particular. Os ingleses se parecem com os americanos no modo como cultivam as idiossincrasias — esportes que só eles e seus imitadores entendem, como o aborrecido críquete — que os mantêm à parte do resto do mundo. O futebol é um dos poucos campos em que aquela estranha ilha se integra com os outros. Pena que a crise das Malvinas (não sei se a esta altura não são Falklands, de novo) ameace a participação dos ingleses na Copa. A frustração lá será quase tão grande quanto seria para o torcedor brasileiro uma desistência do Brasil na última hora.

Até nos Estados Unidos existe expectativa. A maciça emigração de hispânicos está forçando também os americanos a reconhecer que o resto do mundo não só existe como até tem uns esportes interessantes.

Peguei um táxi em Nova York no dia em que se confirmou que os ingleses invadiriam as Malvinas. O rádio do táxi dava a notícia. "Eles vão ter uma surpresa", me disse o motorista num inglês decididamente portenho. Saíra da Argentina aos 17 anos. Nossa conversa evoluiu, rapidamente, da duvidosa ascendência da senhora Thatcher para o futebol. Ele não tinha esperanças na Argentina. Achava que o Brasil era favorito. Também falou na Bélgica. Citou a Áustria e a Polônia. Perguntei como ele se mantinha tão bem informado. Ele me mandou dar uma espiada no banco da frente do táxi, a seu lado. Estava coberto de revistas esportivas. A maioria em espanhol, mas também havia a PLACAR. Me fez perguntas. Mais aí o rádio começou a falar nas Malvinas e ficamos quietos. Desgraçadamente, havia as Malvinas.

Em suma: a Itália não acredita na sua seleção, os franceses acreditam, os turcos eu não sei o que pensam, temem-se os belgas e o Brasil é o favorito. Pelo menos em Nova York.

TOTOCALCIO 1 1 1 2 2 1 X X 2 X X 2 1

La Gazzetta dello Sport

PROCESSO DELLE SCOMMESSE

ECCO LE CONDANNE

Paolo Rossi tre anni

Giordano 21 mesi

IL MILAN E' IN B

Avellino e Perugia partiranno da —5 nel prossimo campionato di A

Il Catanzaro resta in A

Il calcio non s'è fatto intimorire, ma ora ci deve qualche spiegazione





*La Gazzetta dello Sport*, o clássico diário esportivo, anunciava em 1980 a queda do Milan para a Série B e a punição de Paolo Rossi: o escândalo da loteria abalou a Itália

próprios clubes combinavam os resultados e usavam comerciantes para fazer as apostas (sim, os atletas apostavam nos jogos de que eles mesmos participariam).

No dia em que um dos combinados não funcionou, gerando grandes prejuízos aos "apostadores", um deles foi à polícia. Treze atletas foram presos e vários outros, chamados a depor. O processo se arrastou por meses, mas a Federação Italiana não quis esperar. De olho na "moralização" de seu negócio, rebaixou Lazio e Milan e suspendeu jogadores, entre eles um certo Paolo Rossi, considerado o maior atacante do país na época. Bem antes dos três anos previstos, a pena foi abreviada e ele passou a atuar pela Juventus, na reta final do campeonato de 1981-1982 — a tempo de ser convocado, sob muitas críticas e uma névoa de dúvidas, para a seleção. E não há mais nada a ser dito. ■

# AS 52 PARTIDAS

A Copa do Mundo teve 24 seleções em um modelo sem quartas de final — os primeiros colocados de cada um dos quatro grupos da segunda fase disputaram as semifinais

## PRIMEIRA FASE DE GRUPOS

### GRUPO A

Camarões, Itália, Peru, Polônia

| Mandante | Placar | Visitante |
|---|---|---|
| Itália | 0 x 0 | Polônia |
| Peru | 0 x 0 | Camarões |
| Itália | 1 x 1 | Peru |
| Polônia | 0 x 0 | Camarões |
| Polônia | 5 x 1 | Peru |
| Itália | 1 x 1 | Camarões |

LATO

PLATINI

### GRUPO D

França, Inglaterra, Kuwait, Checoslováquia

| Mandante | Placar | Visitante |
|---|---|---|
| Inglaterra | 3 x 1 | França |
| Checoslováquia | 1 x 1 | Kuwait |
| Inglaterra | 2 x 0 | Checoslováquia |
| França | 4 x 1 | Kuwait |
| França | 1 x 1 | Checoslováquia |
| Inglaterra | 1 x 0 | Kuwait |

### GRUPO B

Alemanha Ocidental, Argélia, Áustria, Chile

| Mandante | Placar | Visitante |
|---|---|---|
| Alemanha Ocidental | 1 x 2 | Argélia |
| Chile | 0 x 1 | Áustria |
| Alemanha Ocidental | 4 x 1 | Chile |
| Argélia | 0 x 2 | Áustria |
| Argélia | 3 x 2 | Chile |
| Alemanha Ocidental | 1 x 0 | Áustria |

MADJER

JUANITO

### GRUPO E

Espanha, Honduras, Irlanda do Norte, Iugoslávia

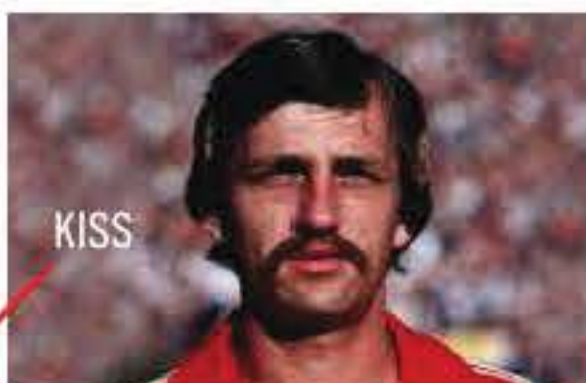
| Mandante | Placar | Visitante |
|---|---|---|
| Espanha | 1 x 1 | Honduras |
| Iugoslávia | 0 x 0 | Irlanda do Norte |
| Espanha | 2 x 1 | Iugoslávia |
| Honduras | 1 x 1 | Irlanda do Norte |
| Honduras | 0 x 1 | Iugoslávia |
| Espanha | 0 x 1 | Irlanda do Norte |

### GRUPO C

Argentina, Bélgica, El Salvador, Hungria

| Mandante | Placar | Visitante |
|---|---|---|
| Argentina | 0 x 1 | Bélgica |
| Hungria | 10 x 1 | El Salvador |
| Argentina | 4 x 1 | Hungria |
| Bélgica | 1 x 0 | El Salvador |
| Bélgica | 1 x 1 | Hungria |
| Argentina | 2 x 0 | El Salvador |

KISS

DASAYEV

### GRUPO F

Brasil, Escócia, Nova Zelândia, União Soviética

| Mandante | Placar | Visitante |
|---|---|---|
| Brasil | 2 x 1 | União Soviética |
| Escócia | 5 x 2 | Nova Zelândia |
| Brasil | 4 x 1 | Escócia |
| União Soviética | 3 x 0 | Nova Zelândia |
| União Soviética | 2 x 2 | Escócia |
| Brasil | 4 x 0 | Nova Zelândia |

FOTOS DE J.B. SCALCO, RONALDO KOTSCHO, MARK LEECH, PETER ROBINSON, PEDRO MARTINELLI, PEDRO MARTINELLI, STEVE POWELL, J.B. SCALCO, DEUTSCHER FUSSBALL-BUND, ALLSPORT

## SEGUNDA FASE DE GRUPOS

### GRUPO 1

Bélgica, Polônia, União Soviética

| | | |
|---|---|---|
| Polônia | 3 x 0 | Bélgica |
| Bélgica | 0 x 1 | União Soviética |
| Polônia | 0 x 0 | União Soviética |

### GRUPO 2

Alemanha Ocidental, Espanha, Inglaterra

| | | |
|---|---|---|
| Alemanha Ocidental | 0 x 0 | Inglaterra |
| Alemanha Ocidental | 2 x 1 | Espanha |
| Espanha | 0 x 0 | Inglaterra |

### GRUPO 3

Argentina, Brasil, Itália

| | | |
|---|---|---|
| Itália | 2 x 1 | Argentina |
| Argentina | 1 x 3 | Brasil |
| Itália | 3 x 2 | Brasil |

### GRUPO 4

Áustria, França, Irlanda do Norte

| | | |
|---|---|---|
| Áustria | 0 x 1 | França |
| Áustria | 2 x 2 | Irlanda do Norte |
| Irlanda do Norte | 1 x 4 | França |

## SEMIFINAIS

| | | |
|---|---|---|
| Polônia | 0 x 2 | Itália |
| Alemanha Ocidental | 3 x 3 | França |
| 5 | Pênaltis | 4 |

Os italianos erguem a taça em Madri: tri

## FINAL

| | | |
|---|---|---|
| Itália | 3 x 1 | Alemanha Ocidental |

## DISPUTA DO TERCEIRO LUGAR

| | | |
|---|---|---|
| Polônia | 3 x 2 | França |

**ARTILHEIRO**
Paolo Rossi, 6 gols
*(Itália)*

**BOLA DE OURO**
Paolo Rossi
*(Itália)*

**BOLA DE PRATA**
Falcão
*(Brasil)*

**BOLA DE BRONZE**
Karl-Heinz Rummenigge
*(Alemanha)*

**PRÊMIO YASHIN DE MELHOR GOLEIRO**
Dino Zoff
*(Itália)*

# UMA PEÇA EM CINCO CAPÍTULOS

Da estreia, contra os temidos soviéticos, à surpreendente derrota para os italianos, eis um convite para um passeio pelos lances e gols da campanha do Brasil na inesquecível Copa de 1982, com quinze feitos e seis tomados — três dos quais os de Paolo Rossi

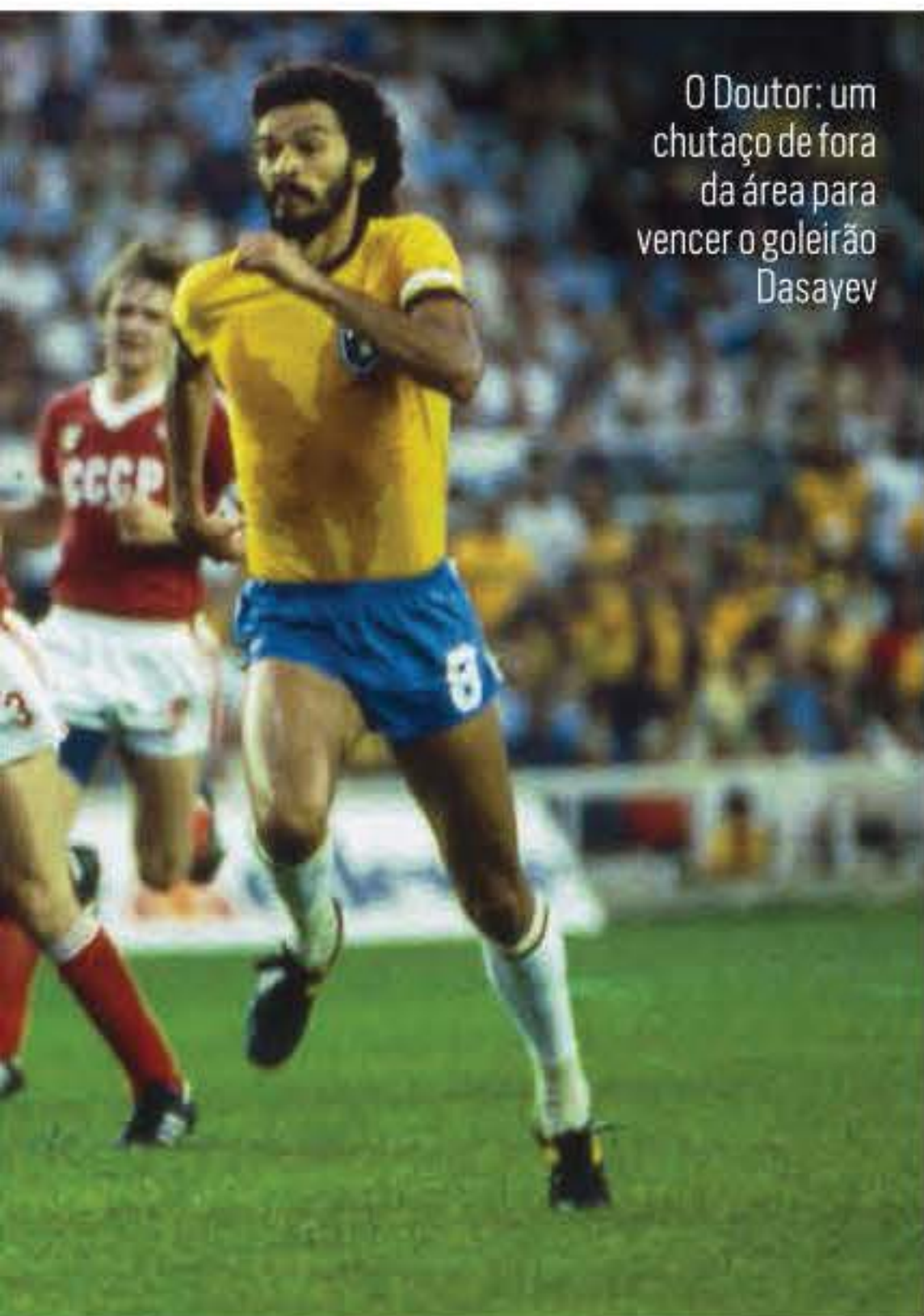
Ao chegar à Espanha para disputar a Copa do Mundo de 1982, o Brasil inteiro estava confiante que era possível voltar a conquistar o título, que não vinha desde o longínquo 1970. Na estreia, começou o jogo com Dirceu (ponta-esquerda que se destacou por Botafogo, Fluminense e Vasco, foi Bola de Bronze no Mundial de 1978 e estava no Atlético de Madri naquele momento) como meia. Paulo Isidoro, ponta de lança revelado pelo Atlético-MG que brilhava pelo Grêmio, frequentemente era usado por ali. Mas o time entraria mesmo nos eixos com Toninho Cerezo como volante, ao lado de Falcão. Os dois liberaram Zico e Sócrates para subirem ao ataque com desenvoltura.

A confiança na vitória vinha pelos resultados (o último jogo, ainda no Brasil, tinha sido um massacre de 7 a 0 sobre a Irlanda), mas principalmente pelo futebol apresentado em campo. PLACAR garantia que a goleada serviu para acalmar os nervos da torcida e da imprensa. "Telê, ao contrário do que se temia, tem um time e um esquema de jogo na cabeça; a ausência de um ponta-direita autêntico não compromete o poderio da seleção." Nos gramados espanhóis, o que se viu foi exatamente isso. Jogo após jogo, o escrete canarinho só melhorava. Começou nervoso contra a União Soviética. Sofreu no início contra a Escócia. Deu show contra a fraca Nova Zelândia. Três jogos, três vitórias. Quanta diferença daqueles que se tornariam os campeões. A Itália empatou as primeiras três partidas e só passou em frente, na segunda colocação, porque fez um gol a mais que Camarões (que também havia conquistado três empates). Daí em diante, os italianos mostraram seu valor. Derrotaram a Argentina, então dona do troféu, por um magro 2 a 1. O Brasil ainda derrotaria a Argentina na primeira partida da segunda fase, antes da derrota inesquecível.

# NA ESTREIA,

Os repórteres de PLACAR, ao relatar a virada sobre os soviéticos, compararam o canhoto Éder a ninguém menos que Garrincha contra os mesmos vermelhinhos em 1958

Em janeiro de 1982, logo após o sorteio dos grupos da Copa da Espanha, PLACAR cravou: "Se os soviéticos assustam, os brasileiros simplesmente aterrorizam". Todos acreditavam que a União Soviética, considerada a melhor seleção depois dos seis cabeças de chave, seria o adversário mais difícil do Brasil na primeira fase. E foi mesmo. A qualidade dos "vermelhinhos", somada ao nervosismo da estreia, fez com que o torcida canarinho sofresse mais do que o previsto.

A URSS dominou o primeiro tempo e abriu o marcador, aos 34 minutos, num frango de Waldir Peres após um chute do

O Doutor: um chutaço de fora da área para vencer o goleirão Dasayev

PEDRO MARTINELLI

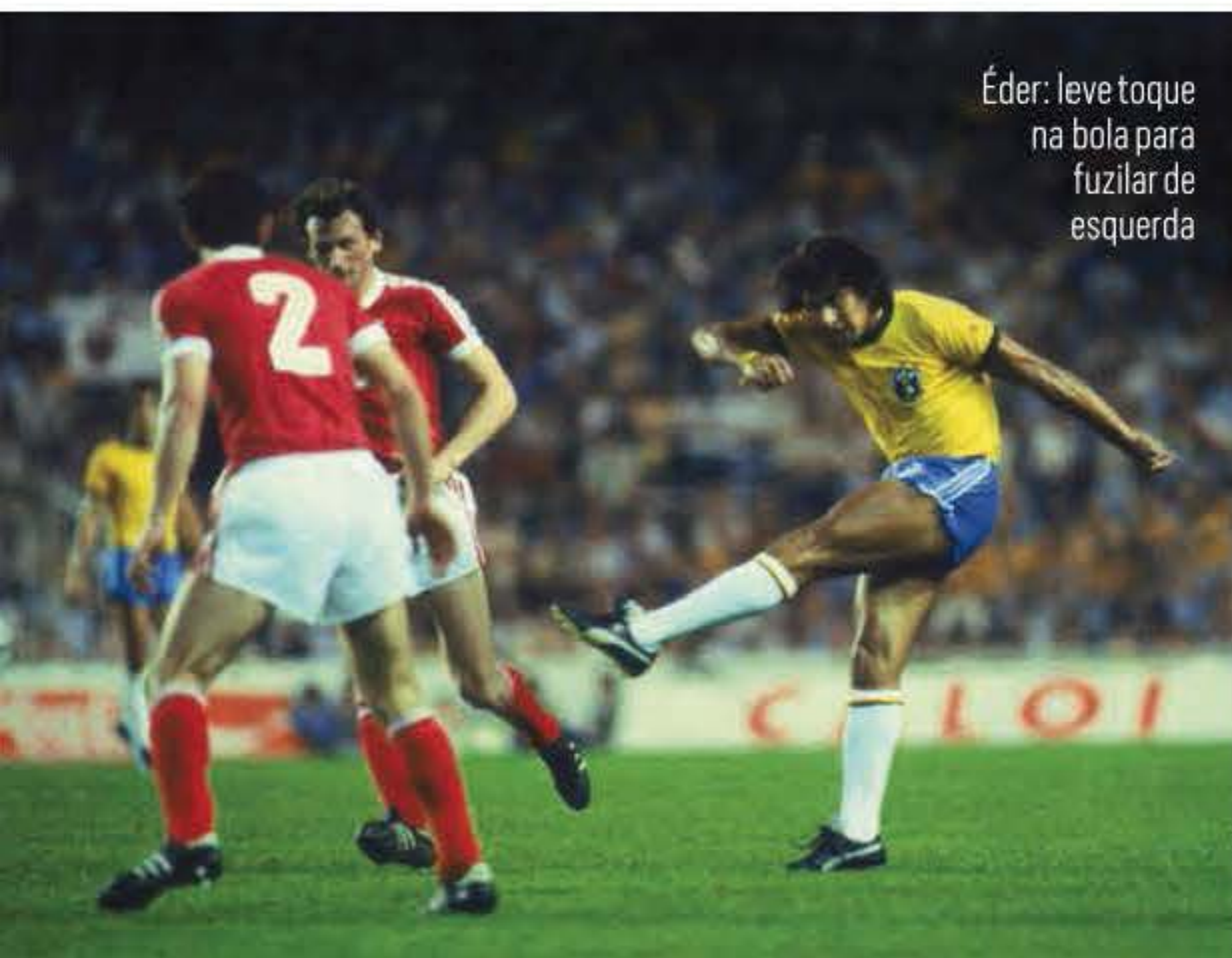
**2** Brasil
x
**1** URSS

14 de junho — Estádio Ramón Sánchez Pizjuán, Sevilha
68 000 pessoas
Juiz: Augusto Lamo Castillo (Espanha)

**Gols:** Bal (34' do 1º tempo); Sócrates (29' do 2º); e Éder (43' do 2º)

**Brasil:** Waldir Peres; Leandro, Oscar, Luizinho e Junior; Falcão, Sócrates e Zico; Dirceu (Paulo Isidoro), Serginho e Éder

**URSS:** Dasayev; Sulakvelidze, Chivadze, Baltacha e Demyanenko e Bal, Bessonov e Daraselia; Gavrilov (Susloparov), Shengelia (Andreyev) e Blokhin

# TENSÃO E SUFOCO

Éder: leve toque na bola para fuzilar de esquerda

RODOLPHO MACHADO

meio da rua do meia Bal. No intervalo, Telê Santana pôs Paulo Isidoro no lugar de Dirceu e a seleção precisou de muita raça e coração para virar o jogo. "Maravilha, Brasil!", estampou PLACAR na capa. Na carta ao leitor, o diretor de redação, Juca Kfouri, escreveu: "Que susto, que agonia, que jogão, que alegria!". Segundo ele, enfrentamos um adversário poderosíssimo e "vencemos sem jogar tudo o que podemos".

Na crônica sobre a partida, os repórteres Carlos Maranhão e Marcelo Rezende não pouparam elogios aos jogadores — e compararam o confronto ao primeiro disputado entre os dois países, em 1958, na Copa do Mundo da Suécia, quando dois gols de Vavá selaram a vitória por 2 a 0 sobre aqueles poderosos atletas com a inscrição CCCP nas camisas.

Só aos 29 do segundo tempo Sócrates conseguiu empatar, depois de driblar dois adversários e bater no ângulo, sem defesa para o fenomenal Dasayev. Faltando quinze minutos para o fim da partida, seguiu-se um pequeno jogo de xadrez, com os times buscando espaço (sem muito sucesso) para furar a defesa adversária. Foi então que baixou o espírito vencedor no time verde e amarelo.

De acordo com PLACAR, a seleção estava em dia de ninguém menos que Garrincha. "No fim do sufoco, o espírito de Mané baixou em Éder, coadjuvante num time de supercraques (Falcão, Zico, Sócrates, Junior). Aos 43 minutos, o cruzamento de Paulo Isidoro, antes de encontrar o pé esquerdo mortífero de Éder, passou por Falcão, que, com um movimento de toureiro, permitiu que a bola chegasse limpa para o Garrincha de 14 de junho de 1982. Dasayev teve a lucidez de notar que não havia nada a fazer. E nem sequer esboçou um voo que seria inútil."

Foi mesmo um golaço. Depois do corta-luz de Falcão, Éder apareceu pela meia-direita, deu um leve toque na bola com o pé esquerdo e, sem deixá-la cair, fuzilou a meta soviética. O sorriso do atacante do Atlético-MG dominou as telas de TV e as fotos de jornais e revistas. O primeiro passo estava dado. Quatro dias depois, garantiam os especialistas, a Escócia só pensaria em arrancar um empate. Mas a confiança no time (e do time) de Telê estava em alta. Como bem definiu PLACAR, o futebol inspirado na magia de Garrincha traduzia "os sonhos e as esperanças de todos nós". ■

# 45 MINUTOS DE SONHO

Mais uma vez, o time de Telê começou devagar e deixou os escoceses abrirem o placar, mas com calma e tranquilidade o escrete foi buscar o resultado e terminou classificado

A confiança que tomou conta de jornalistas e torcedores depois da vitória suada (mas muito convincente) contra a União Soviética deu lugar a um certo desânimo após os 45 minutos iniciais do combate contra a Escócia, que tinha goleado a Nova Zelândia por 5 a 2. Os britânicos se postaram na defesa e, a exemplo do que ocorrera em nossa estreia, saíram na frente do marcador: cercado por três zagueiros brasileiros, o lateral Narey acertou no ângulo um tirambaço do semicírculo da grande área, sem chance para Waldir Peres.

O time de Telê manteve a calma e foi buscar o empate ainda no primeiro tempo: Zico, numa cobrança de falta magistral, enganou o goleiro Rough ao chutar no contrapé, quando ele corria para o lado que estava protegido pela barreira, com direito a um leve toque na trave antes de morrer no fundo da rede. Pela primeira vez, o Brasil entrou em campo com o time que faria história: Waldir Peres; Leandro, Oscar, Luizinho e

Oscar marcou de cabeça o gol da virada: prenúncio com pássaros na véspera

J.B. SCALCO

Junior; Falcão, Toninho Cerezo, Sócrates e Zico; Serginho e Éder (tendo Paulo Isidoro na condição de reserva de luxo). Na época, até PLACAR escalava Cerezo como ponta-direita, mas era a facilidade de se movimentar por todo o campo que dava ao nosso meia o status de inovador e genial que tantos lembram até hoje, quarenta anos depois.

Na volta do intervalo, o que se viu foi "um empolgante segundo tempo, com uma nova reação de um futebol de exceção", nas palavras na revista. O show começou logo aos 3 minutos. Junior bateu um escanteio pela esquerda e Oscar saltou mais alto que os zagueiros para cabecear sem defesa, de dentro da pequena área. Na véspera, o número 3 do São Paulo havia sonhado com pássaros voando. PLACAR descreveu assim: "Uma explicação simplista seria dizer que era um prenúncio de seu salto na área escocesa, quando decolou para marcar o gol de desempate que abriu caminho para a empolgante vitória — e fez do Brasil o primeiro dos 24 times a somar quatro pontos e a garantir a classificação para a segunda fase. No momento em que ele alçou voo em direção à bola, Edinho já se levantava do banco de reservas: 'Eu tinha certeza de que seria gol'."

Ainda nas palavras dos repórteres da revista, Oscar fez "a mais perfeita e irretocável de suas 37 partidas pela seleção, num desempenho digno das exibições gloriosas de Luís Pereira, a quem sucedeu na camisa amarela número 3, ou mesmo de Bobby Moore, o exuberante inglês que reinou nas Copas de 1966 e 1970 como o maior zagueiro do futebol moderno".

Mas o melhor ainda estava por vir. O "endiabrado" Éder, mais uma vez, brilhou. Ou melhor, arrasou. Eram 18 do segundo tempo quando Serginho serviu o ponta-esquerda na linha da grande área. O goleirão Rough fez o que todos esperavam e deu alguns passos à frente, numa tentativa de fechar o ângulo, já esperando mais uma patada de canhota. Foi quando veio o toque de gênio, como gritou Luciano do Valle na TV: uma cavadinha perfeita, num lance imediatamente classificado por PLACAR como "candidato sério a tornar-se o mais belo gol desta Copa".

A revista dedicou um quadro à jogada e ao atleta. "Aquele não é um gol para qualquer peladeiro, muito menos para palcos simplórios e plateias diminutas. É um gol tão especial que está à frente de seu tempo: por justiça, deveria ter acontecido na grande final do próximo dia 11, em Madri, coroando uma campanha inesquecível da seleção brasileira. Ah, Éder, que maravilha ver aquela bola viajando no ar em câmera lenta até roçar sensualmente nas malhas da rede adversária. Pobre, Rough, o esforçado goleiro deles. O tiro não saiu forte e seco como aquele que garantiu nossa vitória na estreia. Desta vez, foi um toque sutil, malandro, irreverente."

Faltando três minutos para o fim, Falcão ainda marcou nosso quarto gol, numa boa troca de passes na intermediária, culminando com um chute certeiro, que ainda bateu no pé da trave direita. Com o 4 a 1 e a classificação garantida para a segunda fase, só restava usar o jogo contra a Nova Zelândia para entrosar ainda mais o time. ■

**4**  **Brasil**
x
**1** **ESCÓCIA**

18 de junho
Estádio Benito Villamarín, Sevilha
47 379 pessoas

**Juiz**: Luís Paulino Siles Calderón (Costa Rica)
**Gols:** Narey (18' do 1º tempo); Zico (33' do 1º tempo); Oscar (3' do 2º tempo); Éder (18' do 2º tempo) Falcão; (42' do 2º tempo)

**Brasil:** Waldir Peres; Leandro, Oscar, Luizinho e Junior; Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico; Serginho (Paulo Isidoro) e Éder

**Escócia:** Rough; Narey, Hansen, Gray e Miller; Hartford (McLeish), Wark e Souness; Archibald, Strachan (Dalglish) e Robertson

# FESTA PARA PEGAR O EMBALO

Os ingênuos neozelandeses nada puderam fazer para evitar o massacre de Zico e companhia. A goleada refletiu a enorme superioridade do Brasil, que caminhava firme rumo ao topo

**4** Brasil
x
**0** Nova Zelândia

23 de junho
Estádio Benito Villamarín, em Sevilha
31 759 pessoas

**Juiz:** Damir Matovinović (Iugoslávia)
**Gols:** Zico (28' e 31' do 1º tempo); Falcão (19' do 2º tempo) e Serginho (25 do 2º tempo)

**Brasil:** Waldir Peres; Leandro, Oscar (Edinho), Luizinho e Junior; Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico; Serginho (Paulo Isidoro) e Éder

**Nova Zelândia:** Van Hattum; Dodds, Herbert, Almond e Elrick; Boath, Summer e McKay; Cresswell (Turner), Rufer (Cole) e Woodin

Se os dois primeiros jogos tiveram emoção e superação, o confronto com a Nova Zelândia foi exatamente o que todos esperavam: um show do Brasil diante de um adversário fraco. O primeiro gol saiu aos 28 minutos. Leandro, livre pela direita, cruzou com perfeição e Zico, a dois passos da linha da pequena área, acertou um voleio lindo, inesquecível. Apenas três minutos depois, num contra-ataque de manual, Sócrates avançou pela meia-direita e novamente serviu Leandro, como se fosse o nosso ponta. Dessa vez, a dupla do Flamengo fez uma tabelinha de futsal. Zico parou de correr ao entrar na grande área e recebeu a bola rasteira junto à marca do pênalti, sem marcação, fácil para colocar no canto esquerdo do goleiro Van Hattum.

Com 2 a 0 no intervalo, tudo era só alegria. Aos 19 do segundo tempo, Falcão tabelou com Sócrates ainda no campo de defesa. O "doutor" encontrou Zico no grande círculo, que num giro de corpo colocou Falcão praticamente dentro da área, com os zagueiros correndo para tentar marcá-lo. O meia da Roma avançou com a bola até a linha da pequena área e bateu forte, no canto esquerdo, para ampliar a vantagem.

Por fim, Junior, jogando como armador, fez um lançamento à la Gérson para Zico, que driblou um neozelandês e bateu para o meio da pequena área. No meio de dois adversários, Serginho esticou a perna e deu números finais ao jogo: 4 a 0 Brasil, em ritmo de treino. Em três jogos, dez gols marcados e dois sofridos. Todos os craques do meio para a frente tinham deixado sua marca. Zico era o artilheiro, com três bolas na rede. Éder e Falcão tinham anotado duas vezes. Sócrates, Serginho e o zagueiro Oscar também estavam nessa lista.

J.B. SCALCO

Éder não marcou contra os neozelandeses, mas continuava no centro dos holofotes. PLACAR escreveu que "o chute poderoso fez dele mais uma celebridade da seleção" e que seu autógrafo já era tão disputado pelos espanhóis quanto os de Zico, Sócrates e Falcão. "Simples figurante num time de astros, ele agora se incorpora à constelação." Sem falar "no rosto de garoto travesso, que mascara sua timidez e o transforma num tipo muito popular entre as mulheres".

Zico: atuação soberba, como em seus melhores dias com a camisa do Flamengo

Contudo, a sensação de que o tetra estava mais perto dividia espaço com o chaveamento dos países para a segunda fase. Os dois melhores de cada um dos seis grupos seguiam em frente. Com doze classificados, o regulamento previa a realização de quatro triangulares — e apenas o melhor passaria às semifinais. Na época, disputava-se a 12ª edição da Copa do Mundo e somente seis seleções tinham levantado o troféu. Uma delas, a do Uruguai, nem havia chegado entre as 24. Quis o destino que os outros cinco campeões ficassem em dois dos quatro grupos.

No 2, estavam Alemanha Ocidental e Inglaterra, mais a dona da casa, a Espanha. No 3, nada mais nada menos que Brasil, Itália e Argentina (a então detentora do título). Polônia, Bélgica e União Soviética mediriam forças no 1, enquanto a França pegava duas legítimas "babas": Áustria e Irlanda do Norte (que já tinha até comprado as passagens de volta para casa quando percebeu que poderia ir mais longe no torneio).

A verdadeira Copa do Mundo estava para começar. O Brasil tinha mostrado talento e arte para se consolidar na posição de favorito destacado a se tornar o primeiro tetracampeão mundial. Mas, depois de Sevilha, o grupo agora jogaria em Barcelona, contra duas seleções de muita tradição, loucas para jogar um carro-pipa no nosso chope. ■

O 10 portenho cercado pelo trio brasileiro: expulso ao entrar de sola em Batista, que substituíra Zico

# SEM CHANCE PARA OS VIZINHOS

Não chores por mim, Argentina. Em mais uma exibição de gala, a melhor naquele Mundial, o time canarinho mandou os albicelestes mais cedo para casa, com direito a vexame protagonizado por um certo Diego Maradona

Antes mesmo do terceiro jogo da fase de grupos, a imprensa especulava sobre possíveis adversários nos confrontos seguintes da Copa de 1982. O campeão do grupo do Brasil pegaria os segundos colocados dos grupos de Argentina e Itália. PLACAR alertava sobre a possibilidade de um novo confronto com nossos vizinhos albicelestes e a seleção peruana, como ocorrera nas quartas de final de 1978. Ninguém imaginava que argentinos e italianos tropeçariam e terminariam, ambos, atrás de belgas e poloneses. Em paralelo, especulava-se que Alemanha Ocidental, Inglaterra e Espanha, do outro lado da chave, eram as favoritas a chegar à final (contra o Brasil, é claro).

PETER ROBINSON/EMPICS

Pelo sorteio, Itália e Argentina se enfrentaram no dia 29 de junho, com vitória da Azzurra por 2 a 1. "Mais aplicados, os italianos venceram bem uma Argentina desorganizada", definiu a reportagem de PLACAR. Três dias depois, o clássico das Américas lotou o Estádio de Sarriá, em Barcelona. E o Brasil não deu chance aos vizinhos. Aos onze minutos do primeiro tempo, Éder soltou mais um de seus fabulosos torpedos numa cobrança de falta da intermediária. Fillol deu um tapinha na bola, que explodiu no travessão e repicou quase sobre a linha. Zico e Serginho foram mais rápidos e espertos que os zagueiros e chegaram sozinhos para empurrar para o fundo da rede. Quarto gol do Galinho na Copa.

O jogo seguiu, tenso como costumam ser os confrontos entre brasileiros e argentinos, ainda mais em Copa do Mundo. Aos 21 do segundo tempo, mais uma linda jogada do ataque canarinho. Zico, centralizado, lançou Falcão no "ponto futuro", bem na hora em que a defesa da Argentina saía em peso para tentar forçar um impedimento. O camisa 15 dominou, esperou Serginho se posicionar e cruzou com perfeição na cabeça do centroavante, sozinho na pequena área. Na época, a expressão nem existia, mas hoje seria uma assistência perfeita, como se fosse um passe com a mão.

Apenas nove minutos depois, Zico brilhou novamente. Dessa vez, enxergou um buraco no lado direito da defesa adversária e fez um lançamento espetacular para Junior, que entrou na corrida e deu um "tapa" de canhota sob as pernas do goleiro, antes de correr para o alambrado e dar uma sambadinha de sorriso aberto. O Brasil não só estava amassando o maior rival. Com o 3 a 0, garantia um saldo de gols melhor que o dos italianos, ou seja, chegava à terceira e decisiva partida com a vantagem do empate para se garantir na semifinal.

Aos 38 do segundo tempo, Zico deu lugar a Batista e, logo em seguida, o meia do Grêmio levou uma entrada desleal de Maradona. *El Diez* cravou a sola da chuteira na barriga do brasileiro e foi expulso. Ao completar 57 anos, em 2017, Dieguito deu uma entrevista ao site da Fifa afirmando que queria mesmo ter acertado Falcão. "Anos depois eu falei com os dois e reclamei de que estavam fazendo graça. Eu não gosto de perder, nem um pouco. Falcão me disse: 'Não, Diego, aquele era o futebol que a gente tinha dentro da gente'. Mas sabe? Se eu estivesse com três gols e as pessoas gritando olé, enquanto a bola rodava de um lado para o outro, eles também ficariam muito irritados. Se você tem um pouquinho de sangue nas veias, você vai explodir. Mas é verdade: eu acertei o jogador errado."

E nem mesmo o gol de Ramón Díaz, num lindo chute da intermediária que foi morrer no ângulo, mudou o cenário. O resultado final de 3 a 1 garantia aos brasileiros o direito de jogar pelo empate contra a Azzurra, que vinha de três empates na primeira fase e uma vitória magra sobre a Argentina. Não tinha como dar errado, acreditávamos todos. ■

**3 Brasil**
X
**1 Argentina**

2 de julho
Estádio de la Carretera de Sarriá
44 000 pessoas

**Juiz:** Mario Lamberto Rubio Vázquez (México)
**Gols:** Zico (11' do 1º tempo); Serginho (21' do 2º tempo); Junior (30' do 2º tempo) e Ramón Díaz (44' do 2º tempo)

**Brasil:** Waldir Peres; Leandro (Edevaldo), Oscar, Luizinho e Junior; Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico (Batista); Serginho e Éder

**Argentina:** Fillol; Olguín, Galván, Passarella e Tarantini; Barbas, Ardilles e Calderón; Bertoni (Santamaría), Kempes (Ramón Díaz) e Diego Maradona

Na narração de Luciano do Vale: "Falcão... Cerezo passou para receber... Falcão limpou... vai bater..."

# “UMA IMENSA EXPLOSÃO DE ALEGRIA”

…e, no entanto, apesar da celebração de Falcão, ela terminaria com o terceiro gol de Paolo Rossi naquela tarde quente e tristemente inesquecível de Barcelona

O texto a seguir, a descrição da fatídica derrota para a Itália, o quinto e derradeiro jogo da seleção na Espanha, é o primeiro capítulo do livro *82 — Uma Copa para Sempre*, de Celso Unzelte e Gustavo Longhi de Carvalho, cedido com exclusividade para PLACAR.

**2** **Brasil**
x
**3** **Itália**

5 de julho
Estádio de Sarriá, Barcelona
44 000 pessoas

**Juiz:** Abraham Klein (Israel)
**Gols:** Paolo Rossi (5' do 1º tempo), Sócrates (12' do 1º tempo), Paolo Rossi (25' do 1º tempo), Falcão (23' do 2º tempo) e Paolo Rossi (29 do 2º tempo)

**Brasil:** Waldir Peres; Leandro, Oscar, Luizinho e Junior; Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico; Serginho (Paulo Isidoro) e Éder

**Itália:** Zoff; Gentile, Collovati (Bergomi), Scirea e Cabrini; Oriali, Tardelli (Marini) e Antognoni; Conti, Paolo Rossi e Graziani

J.B. SCALCO

“Uma imensa explosão de alívio.” É assim que Paulo Roberto Falcão definiu, especialmente para este livro, aquele momento imortalizado em foto por J.B. Scalco, que cobria a Copa do Mundo de 1982, na Espanha, para a revista esportiva PLACAR. Talvez o mais emblemático de toda a sua carreira.

Falcão aparece correndo. Seu rosto está desfigurado pela alegria e as veias saltam-lhe dos braços, ambos abertos. Os punhos estão cerrados. Com um belo chute de pé esquerdo da entrada da área, ele havia acabado de empatar em 2 a 2, aos 23 minutos do segundo tempo, o dificílimo jogo contra a Itália. Jogo em que Paolo Rossi havia feito 1 a 0 para os italianos logo aos cinco minutos, Sócrates tinha empatado para o Brasil aos doze e Rossi, mais uma vez, colocado a Itália na frente aos 25. Tudo isso ainda na primeira etapa da partida.

O Grupo 3 da Segunda Fase daquela Copa era formado por três seleções campeãs mundiais, entre as quais apenas uma se classificaria às semifinais. As outras duas partidas envolveram a Argentina, detentora do título conquistado pela primeira vez em sua própria casa, quatro anos antes, em 1978, mas que àquela altura já estava eliminada. Diante dos argentinos, o Brasil, então tri mundial (em 1958, 1962 e 1970), havia feito 3 a 1. Os italianos, bicampeões do mundo em 1934 e 1938, derrotaram a mesma Argentina por apenas 2 a 1. Por conta disso, a igualdade contra a Itália, àquela altura, já era suficiente para colocar a Seleção Brasileira entre as quatro melhores daquela Copa. Daí, também, toda a felicidade de Falcão.

************

Uma imensa explosão de alívio. Era essa, também, a sensação da quase totalidade dos 126,9 milhões de brasileiros de então, estivessem eles entre os cerca de 44 000 privilegiados presentes no acanhado Estádio de Sarriá, em Barcelona, ou entre a esmagadora maioria que acompanhava o jogo pela televisão naquele início de tarde de segunda-feira, 5 de julho de 1982.

As imagens, transmitidas com exclusividade comercial pela Rede Globo — embora também cedidas como uma cortesia a algumas TVs públicas, como a Rádio e Televisão Cultura (RTC), de São Paulo, e a TV Educativa (TVE), do Rio de Janeiro —, guardam impressionante semelhança em relação à foto de Scalco. As diferenças mais significativas estão nos caracteres gerados na tela, com o número da camisa e o nome (“15 — Falcão”), mais a assinatura em letra cursiva do autor do gol brasileiro, dois padrões nas transmissões dos jogos da seleção brasileira ao longo daquela Copa. É Luciano do Valle quem narra:

— Falcão... Cerezo passou pra receber... Falcão limpou... vai bater... bateu... Gooooooooooooooooool!!!

Ao fundo, a vinheta utilizada pela Globo desde a Copa do Mundo anterior (“Brasiiiiiil!!!!”), seguida dos primeiros acordes da versão instrumental de *Pra Frente,*

*Brasil!*, que também marcavam o início das transmissões direto da Espanha.

O jingle composto por Miguel Gustavo, que acabou virando tema da conquista do tri, em 1970, estava agora adaptado para aquela campanha que prometia ser a do tetra, em uma nova versão assinada pela radialista Sagramor de Scuvero, viúva do próprio autor, falecido em 1972. Na hora do gol de Falcão, podia-se fazer uma leitura mental da letra a partir daquela melodia, com base no compacto simples *Pra Frente Brasil 82 — A Música Eterna da Seleção* — nova versão, lançado pela gravadora RGE. Com base, também, na atualização dos 90 milhões originais, seguindo os dados dos respectivos recenseamentos realizados em 1970 e 1980, a nova letra havia ficado assim:

"Cento e vinte milhões em ação, pra frente, Brasil! Do meu coração...

Todos juntos vamos, pra frente, Brasil, salve a seleção!

Novamente é aquela corrente pra frente, em verde e amarelo, Brasil, emoção,

Todos ligados no mesmo refrão, tudo é um só coração!

Todos juntos, vamos, pra frente, Brasil, Brasil! Salve a seleção...

Oitenta e dois!!!"

Enquanto isso, Falcão continuava correndo e pulando. Recebia abraços dos companheiros, primeiro do zagueiro titular Luizinho, depois dos jogadores reservas do Brasil, liderados pelo goleiro Paulo Sérgio. Outra vez a vinheta: "Brasiiiiiiil!!!!". Luciano do Valle continua:

— Só mesmo Falcão... Só mesmo Falcão, com toda a categoria, com toda a habilidade. Uma bomba no canto direito deste grande goleiro Zoff! Dois para o Brasil, dois para a Itália!

Faltavam, então, apenas 22 minutos para o final do jogo, durante os quais a "seleção de 82" — nome pelo qual aquele time acabaria entrando para a história — seguiria fiel a seu estilo. Um estilo em que "era proibido dar mais de dois toques na bola", segundo palavras do mesmo Falcão, ditas trinta anos depois, em 2012, no programa *Bem, Amigos!*, do canal SporTV.

Assim os brasileiros haviam encantado o mundo, não só durante a Copa, com as vitórias por 2 a 1 sobre a União Soviética, 4 a 1 sobre a Escócia e 4 a 0 sobre a Nova Zelândia, na Primeira Fase, mais os 3 a 1 sobre a Argentina, já naquela Segunda Fase. Mas também nos amistosos que antecederam a competição na Espanha, ainda em 1981, vencidos todos fora de casa, contra Inglaterra (1 a 0), França (3 a 1) e Alemanha Ocidental (2 a 1). Foi assim que, naqueles tempos pré-globalização, o mundo pôde conhecer melhor o Brasil do técnico Telê Santana e dos craques que naquele dia entraram em campo para enfrentar a Itália: Waldir Peres (o "Babão"); Leandro (o "Favela"), Oscar ("o Belo"), Luizinho (o "Dorminhoco") e Junior (o "Capacete"); Toninho Cerezo (o "Toninho Tereza"), Falcão (o "Cabelo de Anjo"), Sócrates (o "Monstro") e Zico (o "Coxinha"); Serginho (o "Chulapa") e Éder (o "Dentão"). Na reserva,

PEDRO MARTINELLI

Paolo Rossi (1956-2020), autor dos três gols italianos: a arma decisiva de um time que, no contra-ataque poderoso, eliminou a seleção de Telê Santana

havia ainda, entre outros, os goleiros Paulo Sérgio (o "Bocão") e Carlos (o "Ganso"), o lateral-direito Edevaldo (o "Cavalo"), o zagueiro Edinho (o "Carão"), o volante Batista (o "Barney"), o meia Paulo Isidoro (o "Tiziu")...

Esses apelidos haviam sido dados pelo zagueiro reserva Juninho, ele mesmo chamado pelos companheiros de "Pateta", talvez como uma espécie de vingança. Foram revelados em uma matéria assinada pelo repórter e futuro apresentador de programas policias Marcelo Rezende, publicada por PLACAR em sua edição 625, o especial Guia da Copa, datado de 14 de maio de 1982. Demonstram tanto a descontração e união de um grupo de craques em tempos politicamente incorretos quanto a intimidade de um time que ficaria para sempre no coração da torcida.

É mais uma vez Luciano do Valle quem tem coragem de pronunciar as palavras que, naquele momento, passam pela cabeça da maioria dos brasileiros, estivessem eles dentro ou fora do campo:

— Quem sabe agora o Brasil, se conscientizando cada vez mais, vai partir para uma grande vitória. Que golaço, que vai passar para a história de Falcão! Merece, sim, Falcão!

Para o comentarista Márcio Guedes, o gol "era mais ou menos uma questão de tempo":

— O time da Itália apenas procurava a defesa, é verdade, com um contra-ataque respeitável, mas o Brasil encontrou o caminho

Zico deixa o gramado a caminho do vestiário depois da derrota: até mesmo os policiais espanhóis pareciam atônitos com o que tinham visto no acanhado estádio em Barcelona

do gol com uma jogada individual do Falcão, que fingiu que dava para a direita, enganou a marcação italiana e deu um chute perfeito, absolutamente indefensável. Um gol maravilhoso. O marcador é bem mais justo e o Brasil pode até pensar em vencer, em não apenas ficar com esse empate. Mas sempre muito cuidado com esse traiçoeiro time italiano.

Ao contrário do que rezariam posteriormente algumas lendas, imediatamente após o 2 a 2 o técnico Telê Santana troca o centroavante Serginho, inoperante naquele dia, por Paulo Isidoro — que, aliás, já se aquecia antes mesmo do gol de Falcão —, reforçando, assim, o meio de campo. Fato reconhecido por Luciano do Valle ainda durante a transmissão, poucos minutos depois:

— A importância do Paulo Isidoro entrando no time com a marcação do segundo gol do Brasil. Ele ajuda na marcação, volta rápido.

De fato, se Telê não fez mais para se proteger foi porque não podia. O volante Batista, agredido por Maradona no jogo anterior, contra a Argentina, realizado apenas três dias antes, na sexta-feira, não tinha condições físicas para estar em campo. O craque argentino, inclusive, havia sido expulso de campo justamente por ter atingido a virilha do brasileiro com a sola de sua chuteira. Mas o time, talvez por sua própria vocação ofensiva, continua atacando. Tanto que em um curto período de sete minutos os brasileiros concluem mais quatro jogadas.

Zico recebe a bola limpa, na entrada da

RICARDO CHAVES

área, pouco atrás de onde Falcão havia marcado. Luciano do Valle grita:

— Vai, Zico!

Mas, dessa vez, o chute, embora forte, sai por cima do travessão.

Logo depois, em uma saída de jogo errada dos italianos, Bergomi perde a bola para Éder.

— Tomou Éder! Vamos lá, Éder! Olha o Sócrates! — suplica Luciano do Valle.

Afinal, nesse momento, são dois brasileiros de frente para o gol contra um único italiano. Mas Éder, em vez de passar a bola ao companheiro que estava livre à sua direita, desperdiça a excelente chance ao tentar driblar Scirea, que consegue o desvio. No rebote, Falcão ainda tenta o chute, mas a bola teima em bater novamente no mesmo defensor italiano.

A televisão intercala as imagens da geração oficial, transmitidas pela TV espanhola para todo o mundo por meio de quatro câmeras, com closes exclusivos para o Brasil de uma quinta câmera, a chamada "Câmera Globo", assim identificada por caracteres acompanhados do logotipo da emissora no canto inferior esquerdo da tela. Em um desses momentos, legendando uma panorâmica pelo estádio, Luciano do Valle chega a comentar o clima de alívio:

— Veja aí a torcida brasileira já acreditando mais, desafogada, desafogada por aquele gol maravilhoso de Falcão.

Uma pipa com a bandeira do Brasil aparece sendo empinada em plena arquibancada. Paulo Isidoro, uma vez mais, chuta a gol, ainda que sem direção e em uma jogada já paralisada por impedimento. Márcio Guedes, o comentarista, aproveita a pausa para acrescentar:

— E ainda sobre o gol do Falcão: é a marca, o melhor símbolo de um jogador que tem sido o mais importante para a seleção brasileira, pela sua liderança, pelo seu equilíbrio, pelo caráter decisório. Suas participações, quando o Brasil precisa, quando o Brasil tem o seu momento mais difícil... E o Zico também um jogador fundamental, e há pouco quase que ele conseguiu a jogada maravilhosa em um momento em que ele usou o que é mais importante, que é a ação individual.

Luciano do Valle retoma:

— Vinte e sete minutos deste jogo, que é realmente incrível. Dois para o Brasil, dois para a Itália.

O goleiro italiano Dino Zoff ainda corta uma bola cruzada por Toninho Cerezo, pela esquerda, que passou pouco acima da cabeça de Sócrates, já na entrada da pequena área. Então, em um cruzamento despretensioso de Antognoni, pela esquerda, Toninho Cerezo tenta recuar com a cabeça e acaba cedendo um escanteio. O único a favor da Itália em toda aquela partida. O goleiro Waldir Peres ainda acompanha o lance, até tenta, mas não consegue evitar que a bola ultrapasse a linha de fundo.

São passados 29 minutos quando Conti se prepara para a cobrança. Dentro da área, estão os onze jogadores brasileiros contra cinco italianos. Um deles, mais uma vez, é Paolo Rossi. ■

**82 – Uma Copa para Sempre,** de Celso Unzelte e Gustavo Longhi de Carvalho (Letras do Brasil); compras em www.letrasdobrasil.com.br

# O QUE SERÁ "SARRIÁ"?

Missão difícil: o Comentarista do Futuro pega a Máquina do Tempo para a Copa de 1982 e usa até música de Chico Buarque tentando alertar a seleção sobre a tragédia

Claudio Henrique @comentaristadofuturo

Foram quarenta anos "suspirando pelas alcovas", desde que, ainda jovem, chorei ao apito final em Sarriá e, inconsolável, fui vagar pelo playground, onde "todos os meninos vão desembestar", e depois pelas ruas, "falando alto pelos botecos, gritando nos mercados, com certeza"... "uma dor que não tem tamanho"! "Mas será que não tem conserto, nem nunca terá?" — pensei, me apropriando de mais um verso de Chico Buarque, dia desses na cama, naquele momento em que surgem as "ideias dos amantes". Ora, pra quem tem a Máquina do Tempo, viajar ao passado para alertar a seleção e evitar a derrota para a Itália não é "fantasia dos infelizes". Eu posso! — gritei. Claro que na ressaca de hoje, caros leitores e leitoras de 1982, só me resta pedir desculpas pelo fracasso na missão, mas antes de retornar a 2022, de quando vim, rogo que leiam minhas justificativas. Pois, como ensinou e cantou um dos nossos "poetas mais delirantes", há coisas que "nem todos os avisos vão evitar". O que será que será?

Tantas citações de versos da canção de Chico não são gratuitas. Entre as muitas estratégias que tentei para prevenir a seleção, até uma obscena paródia de mau gosto (com trocadilho infame) — O que "Sarriá" que "Sarriá"? — cometi. Cantarolava a versão sempre que me aproximava da delegação brasileira, fazendo sinais desengonçados e misteriosos, como laminar a mão no pescoço... Antes de prosseguir, urge explicar: a Máquina do Tempo tem regras, cujo não cumprimento implica perda imediata da traquitana. A principal delas: só posso dar spoilers do futuro após o término do jogo que motivou a viagem. Doeu mas consegui passar 24 dias sem abrir o bico, me esmerando ao inventar mensagens subliminares para craques e comissão técnica do Brasil. A cada treino ou jogo, fui obstinado na tentativa de me fazer entender, fosse "sussurrando em versos e trovas" ou "acendendo velas nos becos"... praga contra Paulo Rossi!

Duas vezes arranquei Cerezo do pagode do Leovegildo (o Junior!) e puxei papo sobre a falha de Clodoaldo no primeiro gol do Uruguai na Copa de 70, lembram? Sim, lance muito parecido com o segundo tento italiano. "Um cabeça de área não pode cruzar a bola pela defesa assim", repetia, emendando melodia e versos de "O que Sarriá?". Tentei de tudo, fiel às regras que me impediam de sair por aí "combinando no breu das tocas" ou, "mais bandido", pelo "dia a dia das meretrizes", para fecundar o alerta "nas cabeças, nas bocas"... "Em todos os sentidos". Embora seja muito provável — o escriba "não tem certeza" — que, se chutasse o balde, alardeando a derrota, seria tido como aqueles "profetas embriagados", os "desvalidos", a quem "todos os risos sempre vão desafiar". Seria súplica muda, ou, usando mais um verso do Chico, "romaria de mutilados".

Já no La Carretera de Sarriá, em Barcelona, os jogadores entraram em campo e minha angústia foi multiplicada por "todos os sinos que ainda vão repicar" — em Roma! Desesperado, esbocei um grito, como o torcedor que "não tem censura", o viajante do tempo que "não tem governo", "não tem decência", "não tem juízo"... mas me controlei; perder a Máquina do Tempo "não faz sentido". E, um dia, anotem: "todos os destinos irão se encontrar".

Ainda nos primeiros acordes, veio a certeza: tratava-se de confronto "que todos os hinos irão consagrar". Da realidade à lenda. "Está na natureza", quando morrem os heróis. Terminada a partida, já posso revelar a vocês que no futuro essa será uma derrota que "o Padre Eterno, que nunca foi lá", "olhando aquele inferno, vai abençoar". Uma derrota da qual o Brasil "não tem vergonha".

Nem nunca terá. ■

As resenhas do **Comentarista do Futuro** em torno de cada uma das cinco partidas do Brasil em 1982 estão sendo publicadas no site de PLACAR. Elas serão lançadas nos dias exatos dos jogos, quarenta anos depois.

RICARDO CHAVES

Despedida: Júnior, o filho de Zico, dá adeus ao ônibus da seleção ao fim da partida contra a Itália, em Barcelona

# “OBRIGADO, TORCIDA. SOMOS CAMPEÕES”

A pedido de PLACAR, Sócrates escreveu um diário da Copa, com o cotidiano do que via e sentia nos gramados espanhóis e nos bastidores da concentração. A derradeira anotação não foi como ele imaginava, mas pouco importa...

Juca Kfouri, diretor de redação de PLACAR em 1982, foi quem teve a ideia de chamar Sócrates para escrever o diário. O craque anotava a mão e depois de cada partida entregava as folhas de papel pautado cuidadosamente preenchidas. Diz Kfouri, olhando para quatro décadas atrás: “Foi o trabalho mais fácil de minha vida — como datilógrafo”. O texto de Sócrates têm inestimável valor histórico.

**Segunda, 14 de junho**

Hoje é o dia do primeiro jogo. Nossa tranquilidade e confiança são totais. Conseguiremos fazer uma boa exibição e vamos vencer. Levantei cedo, às 10 horas, para tomar o café da manhã. Acho que fui o primeiro a levantar porque o refeitório estava vazio. Até a hora do almoço, ao meio-dia, fiquei lendo no meu quarto — que dá para uma vista linda do campo, com plantações de girassóis e trigo, e para a simpática cidade de Carmona.

Fiquei lendo um ótimo livro, *O Sol Também Se Levanta*, de Ernest Hemingway. Logo depois de almoçar, escrevi uma carta para minha Rê e para meus filhos. É que o Rodrigo escreveu uma em que mostrava demasiada preocupação comigo. Eram 16 horas quando nos reunimos para a preleção do Telê. Ficamos sabendo como ele queria que jogássemos e quem ficaria no banco. Isso durou uma hora, e vimos ainda um álbum sobre o futebol soviético. Deve ser um jogo duro. Vamos ver.

Fizemos a última refeição e ficamos vendo Polônia x Itália na tevê. O jogo foi muito bom, com cada equipe sendo dona de um tempo. Saímos do Parador Carmona às 19 horas e fomos para Sevilha com muita descontração e samba no ônibus. Ao chegar, sentimos a presença gostosa da torcida brasileira na porta do estádio. Todos de amarelo. Voa canarinho, voa!

Antes do jogo, bagunçamos um pouco, entrando no campo para sentir o clima. Daí, voltamos aos vestiários perfilados com os soviéticos. Antes, os árbitros fizeram o exame de nossas chuteiras. Ninguém levava canivete na sola...

A partida foi duríssima, mesmo. Criamos muito, mas erramos demais nas conclusões. O importante é que não perdemos a cabeça quando eles saíram na frente. No intervalo, todos nos incentivamos e partimos certos de que íamos virar. Assim que fiz o gol de empate, corri em direção à torcida para comemorar. Vi, no meio da nossa gente, uma bandeira corintiana bem à minha frente. Foi ótimo!

Depois do jogo, Telê, Éder e eu fomos requisitados para a entrevista coletiva. A coisa acabou rendendo pouco para os jornalistas porque o tumulto era enorme, tantos eram eles.

A volta para a concentração foi com samba total, muito embora o cansaço fosse grande. Jantamos uma paella muito saborosa, tomamos uma cervejinha, mas estávamos preocupados com as contusões do Zico e do Serginho. Antes de dormir, falei com a Rê, o que me deixou tranquilo. Sua gravidez está em fase final e eu não estou a seu lado. Meu pai também ligou e eu falei com todos lá em casa, sabendo então dos detalhes da tremenda festa que o povo fez pela vitória. Começamos bem.

J.B. SCALCO

As chuteiras no pescoço, como se fossem estetoscópios: saudades do Brasil

**Terça-feira, 15 de junho**

Levantamos cedo e fomos para a piscina. Pelo jeito, o calor hoje será enorme. Todos os que não jogaram fizeram um treino forte pela manhã.

Depois do almoço, fomos passear em Sevilha. Alguns aproveitaram para fazer compras e eu fui ao hotel em que está o Fagner e fiquei cantando e vendo ele tocar a tarde toda. Estavam lá também o Gil, que jogou comigo no Corinthians, o Pintinho e o Caju. Como tem brasileiro em Sevilha!

À noite, voltamos para a concentração e vimos Escócia x Nova Zelândia, nossos próximos adversários. Ao final do jogo, fizemos uma festinha para o Dirceu, pois era aniversário dele. Acho que valeu: ele havia passado a tarde com a família e à noite nós demonstramos nosso carinho por ele. Recebi telegramas de amigos de Ribeirão. Obrigado.

**Quarta-feira, 16 de junho**

Acordei esta manhã preocupado com duas coisas: meu joelho está bastante dolorido, por causa de uma pancada que sofri na estreia, e o Careca está muito abatido. Ele anda triste, sequer pode nos acompanhar nos treinamentos. Fiz tratamento logo após o café e treinei um pouco, apesar das dores. À tarde, assistimos ao jogo entre França e Inglaterra e, no intervalo, tiramos mais uma daquelas fotos coletivas sob um sol de 40 graus. Não aguento mais tirar essas fotos, mas fazer o quê?

Acabado o jogo, fomos treinar. O Careca foi conosco e se despediu de todos, voltando ao Brasil. Nosso percurso foi triste por isso. É muito chato ver um companheiro se despedindo da gente depois de dois meses juntos. Mas acho que ele resolveu certo. Numa hora dessas é muito difícil ficar longe da família e todos nós temos consciência de que, apesar de sua ausência, ele é um dos nossos. Quem sabe, futuro campeão.

Conhecemos o gramado do Betis. O estádio é menor que o de Sevilha, mas é mais agradável. A grama, mais fofa, será melhor para nós. Muita coisa já acontece neste Mundial. Surpresas, alegrias e sofrimentos. Mas a notícia mais importante para mim está longe daqui: o fim da Guerra das Malvinas. Não morrerão mais pessoas aos milhares, numa guerra sem nenhum sentido.

Espero que a semana que vem registre também o fim da guerra no Líbano.

**Quinta-feira, 17 de junho**
Assistimos ao jogo Kuwait x Checoslováquia e vibramos muito, não só com a exibição do Kuwait mas, principalmente, pela surpresa que as equipes "exóticas" estão proporcionando. Isto vem demonstrar, extrapolando um pouco, que países sem tradição em determinado campo tem condições de evoluir. Mas o mais importante para mim: há sete anos eu me via pai pela primeira vez e espero nunca mais ter que passar essa data longe do Rodrigo. Conversei com ele pelo telefone e percebi que está adquirindo personalidade, que está se aproximando de ser uma pessoa com anseios próprios. Isso me deixa feliz. Creio que eu e a Rê temos condições de fazer dele um homem com "H" maiúsculo.

**Sexta-feira, 18 de junho**
Hoje é contra a Escócia. Vimos Itália x Peru e fomos à luta. Ganhamos bem e sequer concordo que tenhamos ido mal no primeiro tempo. Afinal, jogamos só vinte minutos em Uberlândia com essa formação e tínhamos mesmo que nos reconhecer, buscar o entrosamento. Quando ele veio, bye-bye, Escócia. Fiquei mais de duas horas para fazer o xixi do antidoping. Tomei umas dez cervejinhas e champanha, "diuréticos comemorativos". Ao chegar à concentração, o Juninho me gozou: "Ih, tá mamado!". Tô curtindo muito nossa classificação. A Barcelona *nosotros* vamos!

**Sábado, 19 de junho**
Com a vitória de ontem sobre a Escócia já estamos na segunda fase. Ufa, foram dois jogos dificílimos e serviram de amostra para o que ainda virá. Tivemos mais uma folga e aproveitei para dar uma espairecida na cidade. A maior parte do pessoal foi às compras e o Paulo Sérgio comprou um belíssimo guarda-chuva. Como aqui em Sevilha — que parece uma Teresina enrustida, tão quente que é — não chove há tempos, acho que ele vai usá-lo como guarda-sol, mesmo.

Passei o resto do dia no Hotel Lebreros, conversando com amigos, matando um

> "Fiquei lendo um ótimo livro, *O Sol Também Se Levanta*, de Ernest Hemingway. Logo depois de almoçar, escrevi uma carta para minha Rê e para meus filhos. É que o Rodrigo escreveu uma em que mostrava demasiada preocupação comigo"

O escritor americano e suas predileções de sempre: boa bebida, bons pratos e gatos

pouco a saudade do país da gente. Houve até uma festa à noite, mas, mesmo com toda a descontração, a gente não se desliga do Brasil, imaginando a tremenda festa que estarão fazendo. Meu último pensamento do dia vai para o Careca. Quero mandar um abraço pra ele, em nome de todos nós, parabenizando-o também pela vitória de ontem.

**Domingo, 20 de junho**
Hoje é o aniversário do Belo, o Oscar. Esperamos fazer uma festinha pra ele, assim como fizemos para o Dirceu há poucos dias. Isso é importante porque minimiza a ausência da família. Recebemos telegramas e telefonemas de vários locais do Brasil, em alguns casos querendo até escalar o time, mas fundamentalmente para dar os parabéns pela classificação.

Escrevi muito, hoje, para minha família e para alguns amigos. Sinto que todo mun-

JOHN BRYSON/SYGMA

do está meio na fossa, procurando apenas não demonstrar para não provocar depressão maior no companheiro. Talvez quem mais ajude nestes momentos seja o Juninho, um cara incrível, alegre, preocupado em ajudar, amigo até debaixo d'água. Obrigado, Juninho.

**Segunda-feira, 21 de junho**

Hoje é segunda-feira, é bom frisar. Digo porque aqui dentro todos os dias são iguais. Ontem, por exemplo, era domingo e nem parecia. Fiquei emocionado ao receber um presente maravilhoso. Jorge Amado me mandou sua última obra, *O Menino Grapiúna*. Guardarei com muito carinho, pois, sem dúvida, livro é o melhor presente que alguém pode receber. Fizemos mais um treino em Mairena, rotineiro. O pessoal está encarnando no Renato, que é, também, um cara ótimo. Ele consegue vibrar até em treino recreativo. O "Piel Desinflado" está enfrentando, numa boa, toda sorte de brincadeiras. Pelé mandou lembranças para mim e outros companheiros como Zico, Oscar e Junior. Obrigado pela lembrança, Rei!

> "Fiquei emocionado ao receber um presente maravilhoso. Jorge Amado me mandou sua última obra, *O Menino Grapiúna*. Guardarei com muito carinho, pois, sem dúvida, livro é o melhor presente que alguém pode receber"

**Terça-feira, 22 de junho**

Poxa, até esse diário está ficando repetitivo. Também, é uma tremenda rotina, a nossa. De manhã, treino na piscina. À tarde, em Mairena. Depois, ou antes, assistir aos jogos na tevê. Os jogos e os fliperamas que temos são nossos únicos divertimentos. Pegamos o Isidoro para Cristo, hoje à noite. O "Saci" suportou bem e isso animou um pouco um dia sem maiores novidades.

**Quarta-feira, 23 de junho**

Hoje vamos jogar contra a Nova Zelândia. Temos a preocupação de manter a mesma disposição para podermos realizar uma partida convincente e conseguir uma vitória. Após a preleção, conversando só entre nós, chamamos a atenção de todos para o jogo. Valeu a pena. Fizemos uma partida maravilhosa, onde a média de atuação de todos foi muito boa. O importante é que a equipe está evoluindo e isso nos deixa mais confiantes na nossa trajetória. Torcida, pode confiar na gente. A nota no vestiário após o jogo foi o Luizinho, reclamando por ter sido escalado pela segunda vez consecutiva para o exame antidoping. Ele já não tinha gostado na primeira, imagina agora. Só o Serginho nos preocupa, sentindo dores na coxa. Mas aparentemente há condições de se recuperar até o jogo de estreia na segunda fase, embora ele esteja um pouco abatido.

Depois do jogo fomos à Plaza de Espanha, onde o Fagner iria participar de um show. Zico, Junior, Juninho, Batista, Edevaldo, Edinho e Éder foram comigo. Foi uma loucura até chegar ao recinto do show, pois havia muita gente querendo vê-lo. Como a produção foi péssima, o "Magro" teve que se virar sozinho, porque o cantador Carmen de La Isla, muito conhecido por aqui, simplesmente não apareceu. Procuramos dar a maior força para o Fagner e acho que foi legal. Voltamos ao Carmona após o show. Volto a lembrar do Careca. Um abraço para ele e pra todos os companheiros

do Timão que estão, certamente, no maior astral com a gente aqui.

**Quinta-feira, 24 de junho**

Saímos cedo, às 10h30 (não tão cedo assim, né?) e fomos para o centro de Sevilha. É que o Paulo Sérgio, Leandro e Junior queriam comprar alguns presentes.

Ah, fui almoçar num restaurante lindíssimo, chamado Rio Grande, ao lado do rio Guadalquivir, um rio nada poluído que corta Sevilha e que a gente já ouviu falar nos livros de história. Ficamos até o fim do dia em Sevilha, de papo furado com os amigos.

**Sexta-feira, 25 de junho**

Vamos para Barcelona, deixando para trás a bela Sevilha e seu povo, que foi tão carinhoso conosco. Da Andaluzia fomos à Catalunha, onde, provavelmente, o tratamento será diferente. Mas isso pouco importa.

O difícil foi chegar ao nosso hotel. Está a aproximadamente 45 quilômetros de Barcelona e seu acesso se dá por caminhos tortuosos. Demoramos aproximadamente uma hora e meia para chegar a ele. E houve de tudo nessa "viagem" de ônibus. Desde o tradicional samba da cozinha do Verdão (Verdão é o ônibus, fique bem claro...) até uma guerra de espuma de barbear que deixou o Cerezo e o Isidoro como se estivessem sob neve. Já imaginaram?

Treinamos no fim do dia e alguém pediu que eu definisse o esquema de jogo do Brasil. Acho que só tem uma, ou duas palavras, para exprimir a coisa: "Bagunça organizada". O pensamento da semana eu tirei de um grande amigo, o Paizão, o Tim, grande responsável. Grande agitador da turma toda. Permitam-me...

"A Copa do Mundo é o despertar de um sonho para a realidade."

Boa sorte, companheiros. Confie na gente, povão.

**Sábado, 26 de junho**

Estamos num hotel incrustado numa região muito bonita, nas montanhas, onde, aparentemente, o clima é bastante agradável. Pela beleza das casas, as pessoas devem vir passar fins de semana aqui. Nesse aspecto, Barcelona é privilegiada. Pode-se escolher entre o mar e a montanha sem ter que se afastar muito da cidade. Mudamos totalmente nosso ritmo diário, pois nossos jogos aqui se realizarão mais cedo. Em Carmona, a gente acordava tarde porque os treinos eram todos à noite, na hora dos jogos, e assim acabávamos sempre deitando já de madrugada, no mínimo à 1 hora.

Aqui, a rotina muda: como o próximo jogo está distante, treinaremos em dois períodos. Seremos mais exigidos e temos que aproveitar bem esse tempo, compensando a falta de jogos com melhor condicionamento físico. Os treinos à tarde farão com que o jantar seja servido mais cedo. Estamos todos bem alojados. Se bem que, para mim, o simples fato de estar longe da minha gente faz com que qualquer hotel seja igual. O "Copacabana Palace" ou o "pulgueiro de Sofia" são a mesma coisa. Quero ir para casa.

Nosso único problema é que a mala do Carlão sumiu nesse último deslocamento.

RODOLPHO MACHADO

A delegação completa na foto clássica: debaixo do sol de 40 graus de Sevilha

Ele está chateado, é claro, mas tenho certeza de que ela vai aparecer. Meu companheiro de quarto é o Renato... o do pé murcho.

**Domingo, 27 de junho**

Mais um domingo, o antepenúltimo. Pela manhã fomos treinar em Sabadell, uma cidade a cerca de 30 quilômetros de onde estamos. Usamos um estádio da equipe local, que já foi da primeira divisão espanhola. Fizemos um coletivo sem o Falcão, Serginho e Zico, todos levemente machucados. Espero que logo estejamos treinando juntos. Tinha muita gente vendo o treino e de repente levamos um grande susto. O Leandro caiu contorcendo-se em dores e a coisa pareceu grave. Felizmente logo soubemos que não era nada de mais e ele já está legal.

Fomos dar uma volta por Barcelona, uma cidade bem maior e mais fria do que Sevilha. Encontrei um colega médico que está fazendo, há um ano, especialização em oftalmologia. Ele é um amigo de infância e de cursinho. Foi muito gostoso rever alguém depois de tanto tempo e num país tão distante. Voltamos ao final do dia e uma boa notícia nos aguardava. Acharam a mala do Carlão. Ótimo!

**Segunda-feira, 28 de junho**

Treinamos pela manhã e depois realizamos (?) uma partida de tênis. A dupla Falcão/Juninho não aguentou o "meu jogo" e o do Edinho. Ganhamos um set por 6 a 2 e perdíamos o segundo por 3 a 2 quando o doutro Neylor nos tirou da quadra, pois estávamos havia muito tempo jogando e tínhamos coletivo à tarde. Quer dizer: ganhamos de 8 a 5. Mas, falando sério, isso porque o Edinho é o que tem mais prática. Tênis é um esporte de muitos fundamentos, difícil de jogar no começo.

Assistimos ao jogo Polônia x Bélgica, cujo resultado (3 x 0) praticamente fará com que os poloneses sejam, acreditamos, nossos adversários na semifinal.

> "À tarde, assistimos ao jogo entre França e Inglaterra e, no intervalo, tiramos mais uma daquelas fotos coletivas sob um sol de 40 graus. Não aguento mais tirar essas fotos, mas fazer o quê?"

**Terça-feira, 29 de junho**
Hoje tivemos o jogo Itália x Argentina. Fomos vê-lo no estádio. O Sarriá é pequeno, estava cheio, com a torcida animada. Notei muitos brasileiros e tenho fé que no nosso jogo ainda verei muito mais. A Itália ganhou, confirmando um palpite que eu tinha antes da partida.

Parabéns ao Léo (Junior), que hoje faz 28 anos. Sua família também merece cumprimentos pela pessoa que ele é. Tivemos mais um bolo, o quarto desta viagem.

**Quarta-feira, 30 de junho**
Hoje a Copa está de folga. Não tem jogo, não tem nada. Estou meio deprimido. Nem é bom falar das saudades de casa. É gozado. Toda minha vida eu quis jogar uma Copa. Estou nela, tenho consciência de que não estou indo mal, mas, sem dúvida, estou frustrado. A Copa não é o que imaginei. Não permite intercâmbio com o pessoal de outros países, fica cada um de seu lado. Imagino que seja melhor assisti-la do que dela participar. Por isso, não tenho dúvida: outra Copa, nunca mais. Quem sabe eu possa acompanhar a próxima com a Rê e as crianças. Será bem mais divertido.

> “Gozado, tem jornal espanhol me considerando o melhor da Copa, me chamando de *'el cerebro del Brasil'*. Acho que estão cegos. O velho Raimundo, pela tevê, está vendo melhor”

**Quinta-feira, 1º de julho**
Até que enfim iniciamos um novo mês. É o decisivo para o nosso trabalho, iniciado há noventa dias.

Hoje ficamos todos muito animados, pois antes de irmos para Barcelona o presidente Giulite comunicou que cada um de nós ganhou uma tevê e um videocassete da Sharp. Não só pelo brinde, mas porque isso demonstra que tem gente enxergando e entendendo o esforço da turma para devolver aos torcedores a alegria de um caneco. Se não der agora, paciência. Obrigado pelo reconhecimento.

Fomos conhecer o gramado do Sarriá, onde jogaremos contra Argentina e Itália. Apesar de o estádio ser acanhado, o gramado é tão bom quanto os de Sevilha e, para quem joga, é isso que importa.

Isidoro, Cerezo e Serginho ficam planejando e fazendo travessuras, seja entre eles, seja envolvendo alguém mais, o tempo todo. Hoje, por exemplo, esmagaram um ovo na cabeça do Paulo Sérgio depois do jantar. Assistimos de camarote. Êta, ferro!

**Sexta-feira, 2 de julho**
Acordei cedo, tomei café e dormi de novo. Que sono! Ao descer para o almoço, me pegaram de surpresa. O Tim, o Oscar e o Dirceu estavam discutindo o jogo de logo mais contra os argentinos e quiseram que eu entrasse na conversa. Caí fora. Já pensou discutir futebol logo ao acordar, depois de um mês só de bola?

Nossa viagem para Barcelona foi novamente alegre e descontraída. O jogo foi bom para nós. Foi uma boa vitória e por um placar que nos interessava. É de lamentar apenas a entrada desleal do Passarella no Zico e a do Maradona no Batista. Eles não souberam cair como campeões. Aquilo serviu para que fizéssemos uma certa guerra de nervos: o Zico vai jogar, mas os italianos só saberão disso quando entrarmos em campo. Respeito esse adversário. Eles marcam muito bem e saem para o contra-ataque com vontade.

TONINHO CEREZO

TONINHO CEREZO

A chegada à Espanha: o sorriso de confiança e tranquilidade de uma equipe muito bem treinada e cheia de craques de bola

DEDOC

A bordo do Verdão, o ônibus designado pela Fifa para o leva e traz: ao ritmo das batucadas lideradas por Junior

> “Saímos do Parador Carmona às 19 horas e fomos para Sevilha com descontração e samba no ônibus. Sentimos a presença gostosa da torcida brasileira na porta do estádio”

Um casal amigo que chegou ontem de Ribeirão trouxe cartas de amigos e de meus pais. Fiquei muito feliz, apesar das duras do velho. Ele acha que não estou jogando tudo que posso. Quer que eu participe mais, chute mais a gol. Gozado: tem jornal espanhol me considerando o melhor da Copa, me chamando de *“el cerebro del Brasil”*. Acho que estão cegos. O velho Raimundo, pela tevê, está vendo melhor. Amanhã começa o penúltimo fim de semana longe de casa. É capaz que a Rê me dê o quarto filho nesses dois dias. Estou contigo, mulher!

**Sábado, 3 de julho**

Hoje tivemos um dia alegre. Fagner passou o dia conosco no hotel. Até bateu bola com o time. Acho que o sonho da vida dele era ser jogador. Juro que ele canta melhor. À tarde treinamos e a concentração parecia uma festa. Tinha jornalista do mundo inteiro... Agora temos que falar português, portunhol e portuliano. Está todo mundo feliz com a boa vitória de ontem. Mas ainda falta muito. Será que a Mariana vai nascer hoje?

**Domingo, 4 de julho**

E não é que a Mariana ainda não nasceu? A França ganhou e vai para as semifinais. Bom para o futebol-arte.

**Segunda-feira, 5 de julho**

Cheguei ao estádio confiante. Tinha na cabeça uma coisa óbvia: nosso time era o melhor do mundo. Pela manhã, em conversas na concentração, essa era a tônica. Enfrentaríamos um time retrancado, que jogava no contra-ataque, e que seria um jogo duro pelo que a Itália mostrou contra os argentinos. Sabia da determinação deles porque assim é o futebol. Saímos da Copa apesar de sermos o time que melhor jogou.

Estou profundamente triste, sem forças para explicar nada, para escrever. Saí do estádio direto para o ônibus. Vi o Fagner no corredor, dei um abraço nele, fiquei comovido e entrei no ônibus. Agora, nesta última página do meu diário da Copa, deixo apenas dois momentos que vivo: a frustração intensa, talvez a maior da minha vida, por não conquistar o título que eu, no íntimo, alimentava tanto. E também a frustração de não ter mais uma semana de trabalho neste diário, que eu queria que terminasse com a seguinte frase: “Obrigado, torcida. Somos campeões”. ■

# DOIS MESES EM REVISTA

As nove capas de PLACAR dedicadas à Copa do Mundo da Espanha, do Guia ao triste desfecho no Sarriá, ajudam a contar o cotidiano do futebol em torno de uma equipe fadada a vencer

Em 1982, o mundo vivia sem internet. A revista americana *Time* escolheu o computador pessoal, o PC, de *personal computer,* na expressão em inglês, como "a máquina do ano" — em vez de "a pessoa" do ano. Sem redes sociais nem a velocidade de informação dos dias de hoje, era preciso ter um pouco de paciência para ler as notícias da Copa do Mundo reveladas por PLACAR. A revista era semanal. E a cada sete dias, sempre às segundas-feiras, os oito enviados para a Copa na Espanha traziam as revelações que ninguém tinha: o diário de Sócrates, entrevistas, fotografias tiradas dentro da concentração por Toninho Cerezo etc. PLACAR servia, portanto, como "segunda tela" para a maciça e empolgante cobertura feita pela TV Globo e pela narração de Luciano do Valle. Acompanhar as nove edições dedicadas ao Mundial é como uma tradução dos humores de quase sessenta dias de montanha-russa, de euforia e melancolia, riso e pranto.

Começou com o tradicional Guia, em maio; esquentou com o registro final da equipe na Fifa, passou pelas severas críticas ao trabalho de Telê Santana ("Telê sob marcação cerrada") e então alcançou a Copa, em Sevilha, e, depois, em Barcelona. Houve a alegria redentora do primeiro jogo contra a União Soviética, a euforia contra a Escócia e a Nova Zelândia. Por força do calendário, como os dois jogos da segunda fase de grupos aconteceram numa mesma semana, com apenas três dias de intervalo, a vitória por 3 a 1 sobre a Argentina de Maradona e Kempes não apareceu na capa. Ficou escondida por trás de uma das mais tristes chamadas da história de PLACAR, depois da Itália dirigida por Enzo Bearzot: "Que pena, Brasil". E foi assim que contamos a aventura de 1982. ■

14 de maio: o Guia completo

11 de junho: à espera dos soviéticos

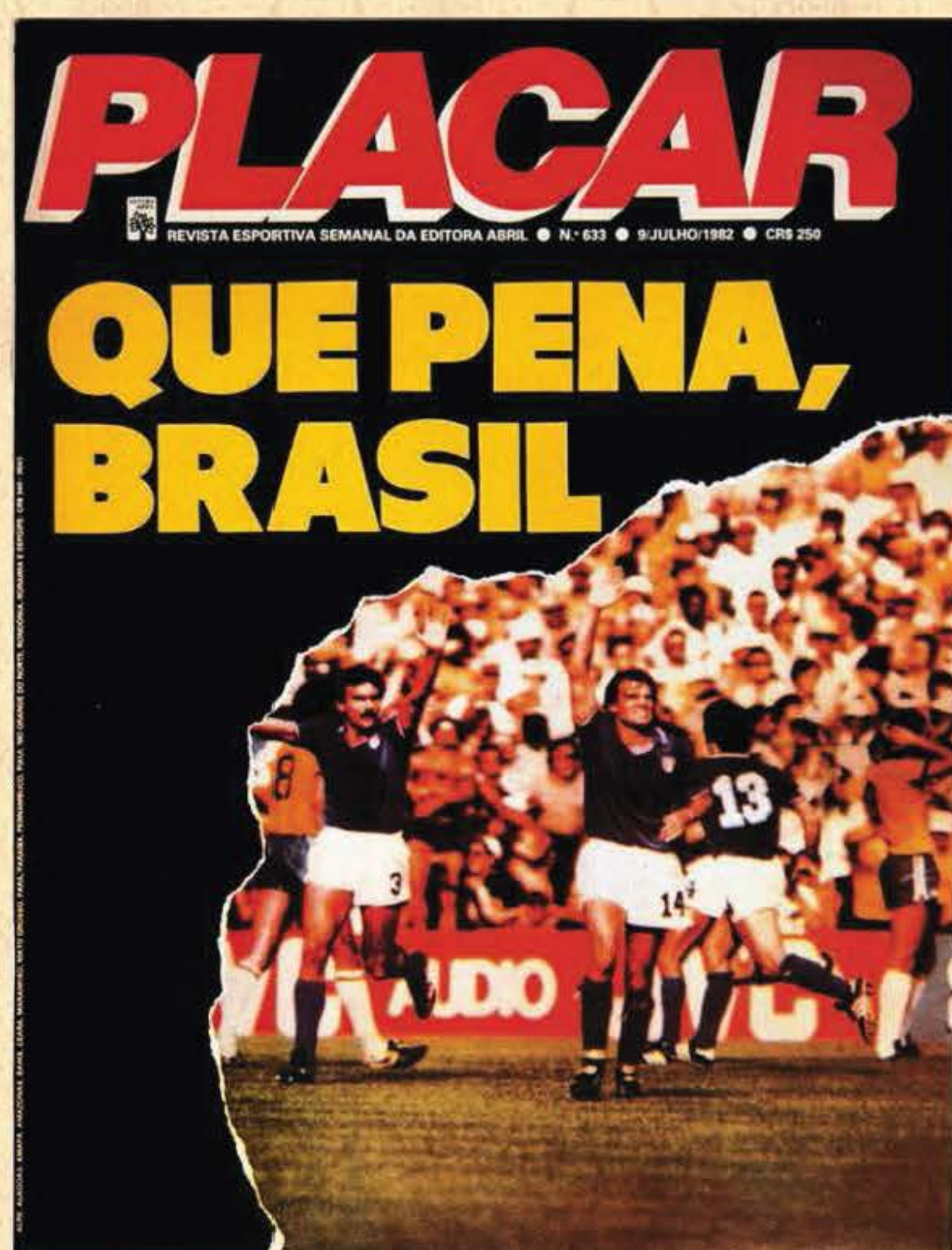
25 de junho: a Escócia despachada

21 de maio: o trio a caminho do tetra

28 de maio: o treinador pressionado

4 de junho: Sócrates e Zico prontos

18 de junho: susto e alívio na estreia

2 de julho: fragilidade da Nova Zelândia

9 de julho: a capa depois da eliminação foi a mais perfeita tradução da derrota

# É IMPOSSÍVEL ENTENDER O MUNDO

Depois do êxtase veio a decepção, a tristeza pela derrota de uma seleção encantadora — ainda que as derrotas promovam injustiças ao desconstruir times magníficos

ILUSTRAÇÃO DE JULIE BARBER

O texto a seguir é um dos capítulos do livro *1982 Brazil — The Glorious Failure*, do jornalista e historiador inglês Stuart Horsfield. Ele tinha apenas 10 anos quando o Brasil foi derrotado pela Itália. A tristeza infantil não o impediu de alimentar o fascínio pela seleção de Telê, ainda hoje um dos temas de sua predileção. A empolgação de Horsfield pelo futebol-arte daquela equipe ajuda a entender como os craques de amarelo quarenta anos depois permanecem indeléveis na memória de quem gosta do toque de bola inteligente.

A ilustração da inglesa Julie Barber: inspirada em pintura clássica de Edward Hopper (1882-1967)

O banco italiano se esvaziou em segundos, os homens de paletó que permaneceram sentados ao longo de toda a partida controlando as emoções de repente invadiram o gramado como crianças saindo da escola no último dia de aula antes das férias de verão. Os reservas e membros da comissão técnica procuravam algum jogador para pegar e abraçar. Os que terminaram o jogo mal conseguiram disfarçar o júbilo enquanto trocavam camisas com os brasileiros, antes de ser envolvidos pelos colegas.

Na seleção canarinho, havia só expressões assombradas, a descrença gravada nos rostos. Nunca houve, em um campo de futebol, uma sobreposição tão evidente entre delírio e devastação. As câmeras instaladas em volta do gramado capturaram a expressão de Paulo Isidoro enquanto caminhava resoluto rumo ao vestiário, com Waldir Peres à sua frente, ambos se recusando a reconhecer o caos daquele momento. Éder quase errou o caminho, cambaleando em direção à linha de fundo, o torso nu após trocar de camisa. Seu olhar parecia o de alguém sofrendo para entender a situação em que estava. Leandro, com uma camiseta azul na mão, limpou a boca com ela, não porque fizesse um gesto ofensivo, mas porque era apenas mais um operando no piloto automático.

As recordações de Éder após o apito final, além da evidente emoção, descrevem a tristeza que deve ter tomado conta do vestiário brasileiro. "Nessa hora foi realmente difícil. Estávamos todos chorando, chateados, é claro", disse. "Estávamos todos ali, juntos, mas ninguém conseguia falar, o que poderia ser dito? Apenas sentamos e choramos. Ninguém acreditava que tínhamos perdido o jogo, não dava para acreditar que tinha acabado." Luizinho foi na mesma linha: "Foi triste, a tristeza era muito grande. Todos estávamos chorando, foi provavelmente o pior momento da minha vida e da minha carreira. Eu pensava nas pessoas, nos brasileiros, na minha família. Eu sabia quanta felicidade estávamos trazendo para todos com nossos vitórias e aquela derrota foi muito pesada". Abraham Klein, que apitou o jogo com perfeição, se lembra de estar em seu vestiário após deixar o campo. "Naquele tempo, era comum os capitães dos dois times virem cumprimentar ou dizer 'obrigado'", recorda-se. "Sócrates fez isso, e ele estava chorando. Apertou minha mão e só o que conseguiu dizer foi 'obrigado, juiz'. Me lembro dele em pé, na porta e com a cabeça baixa, como se fosse ontem."

Quase quarenta anos mais tarde, Patrick Barclay também se recorda da enorme carga emocional que tomou conta dos jornalistas que acompanhavam o jogo. Após o apito final, um sentimento de absoluta devastação tomou conta de todos os presentes ao Estádio de Sarriá — exceto dos italianos, é claro. "Foi uma comoção internacional. Nós, britânicos, e todos os colegas compartilhávamos uma excitação com aquele time. No fim da partida, uma sensação de desespero tomou conta, quase como se o futebol tivesse morrido. Estávamos de luto, não tenho dúvida de que essa é a palavra que descreve aquele momento", disse Barclay.

John Helm era comentarista da TV inglesa e fez, como sempre, um ótimo trabalho durante o jogo, destacando a intensidade da disputa, a tensão no ar, a vibração da torcida. "Acho que foi a única vez em minha carreira como profissional que tive vontade de chorar quando o Brasil perdeu. Eu queria tanto que eles ganhassem a Copa do Mundo, aquele era o melhor time que eu já vi. Nós, como jornalistas, estávamos totalmente chocados, estupefatos diante da derrota. Para mim, o torneio simplesmente acabou quando o Brasil saiu, foi um dos piores dias da minha história como comentarista."

Eu também fiquei devastado quando a partida terminou; as lágrimas que brotaram quando o juiz apitou pela última vez escorreram pelo rosto. Foi a primeira vez que o futebol provocou essa emoção em mim. Eu não conseguia entender por que estava chorando, mas eu sentia que tinha perdido "alguma coisa". Não era uma pessoa querida, mas era uma perda. Aquele time, aqueles jogadores, aquele jeito de jogar tinham sido tirados de mim de repente. Eu sabia que existia a possibilidade de o Brasil ser eliminado, mas nunca imaginei que isso pudesse acontecer. Foi a forma súbita como isso ocorreu, sem tempo para ninguém se preparar. O terceiro gol de Paolo Rossi foi marcado a dezesseis minutos do término do tempo regulamentar, é pouco tempo para assimilar um momento que transforma uma vida. Sem falar que eu tinha certeza de que o Brasil ia marcar e se classifi-

J.B. SCALCO

Cerezo consolado por Falcão, que acabara de empatar, e Zico: sobreposição entre delírio e devastação

car. Fiquei perambulando pela casa, atordoado, e murmurei para minha mãe que a seleção brasileira tinha perdido e estava fora. "Você está com o coração partido?", ela me perguntou. Nem me dei ao trabalho de tentar explicar que era outra coisa, um sentimento de fim do mundo e que minha vida nunca mais seria igual a antes, mas hoje acho que ela tinha alguma razão, pois eu acabara de viver minha primeira decepção amorosa — e nem era por causa de uma garota.

Telê Santana foi o primeiro a enfrentar a própria decepção, o responsável por abraçar seus convocados e enxugar suas lágrimas. De dentro daquele vestiário cheio de devastação e desolação, ele saiu para encarar os jornalistas de todo o mundo. Assim que entrou na sala de imprensa, apenas uma hora após o fim da partida, os mais de 300 colegas que lotavam o local se levantaram e o aplaudiram, enquanto ele se encaminhava para a mesa. Todos sabiam ter presenciado um dos maiores, senão o maior, confrontos de Copa do Mundo de todos os tempos. Ao final das perguntas e respostas, o treinador se levantou para voltar ao vestiário. Mais uma vez, a sala inteira se pôs de pé para uma salva de palmas até ele sair pela porta.

Na manhã seguinte, os jornais ecoavam os pensamentos e sentimentos de todos os "apaixonados por futebol" no mundo inteiro (menos os italianos, reafirme-se). Todos lamentavam a partida prematura do time de Telê. Em entrevista para este livro, Juca Kfouri destacou um diário da Andaluzia cuja manchete dizia "É impossível entender o mundo. O Brasil foi eliminado". Na época, ele era diretor de redação de PLACAR e a edição seguinte da revista chegou às bancas com uma capa de fundo preto e uma foto rasgada de jogadores da Itália celebrando. Abaixo, o título "Que pena, Brasil".

O jornalista Patrick Barclay é outro que se lembra de ficar devastado com o resultado, mas teve de redigir seu relato para o jornal londrino *The Guardian*. O título era "Rossi arruína o sonho dourado". No texto, ele lamentava a derrota do brilhante time brasileiro, mas também reconhecia que o desempenho dos italianos tinha sido inspirador. "A Itália jogou como todos sonham em ver a Itália", escreveu, em meio à grande lista de destaques de uma partida cheia de pontos altos. "Foi um jogo maravilhoso que prendeu a atenção durante os noventa minutos. A festa barulhenta, com muitos fogos de artifício, foi dantesca." A

leitura da reportagem revela de forma precisa a intensidade do jogo e a atmosfera do Sarriá.

No jornal *The Times,* Peter Fox optou por um título mais lírico: "O artesanato italiano apaga a arte brasileira". Assim como Barclay, Fox destacou os principais momentos da partida, mas construiu a narrativa de que "a determinação e a iniciativa da Itália seguraram o brilho do futebol brasileiro". O texto foi na mesma linha do que se viu em muitas outras publicações. A performance italiana foi controlada e disciplinada, o que pegou o Brasil de surpresa. Rossi, que estava voltando dos mortos de forma brilhante, jogando na ponta dos cascos, fez toda a diferença (muito mais do que o resto do time, que manteve o nível apresentado até então no torneio). O Brasil tentou mostrar sua bela arte em campo, mas o "desempenho dos jogadores estava levemente abaixo do dos jogos anteriores", frase que mostra como essa pequena queda na atitude canarinho foi suficiente para a Itália se aproveitar.

Obviamente, a imprensa italiana foi muito mais efusiva em relação ao jogo da Azzurra. Mas o fato é que os jogadores ainda estavam num "autoimposto embargo contra os jornalistas". Depois que reportagens indicando que eles tinham negociado (e cada um recebido) 35 000 libras em prêmios após a primeira fase, eclodiram críticas à moralidade dessa decisão, "quando o dinheiro poderia ter sido mais bem gasto para reduzir a pobreza na Itália". Os atletas ficaram furiosos, alegaram que a premiação tinha sido de apenas 8 000 libras e se recusaram a dar entrevistas. Isso não impediu que a *Gazzetta dello Sport* estampasse apenas a palavra Fantástico! na capa, com uma foto de Rossi comemorando seu primeiro gol. Justamente o jornal que mais tinha questionado e criticado a convocação de Rossi pelo técnico Enzo Bearzot apenas uma partida antes.

Talvez a reação mais emotiva à derrota brasileira tenha sido a do *Jornal da Tarde,* que publicou apenas uma pungente imagem na capa. José Carlos era um garoto de 10 anos que estava no Brasil x Itália com seus pais, convidados do presidente da Fifa, João Havelange. O fotógrafo Reginaldo Manente percebeu que a mãe do garoto, uma ex-miss, estava limpando a maquiagem borrada pelas lágrimas. Ao tentar se aproximar e buscar uma "boa" foto, ele percebeu o menino ao lado dela, arrasado. O clique de Manente capturou a imagem de José Carlos no exato momento em que ele respirava profundamente antes de voltar a chorar *(leia na pág. 54).* Era o símbolo perfeito do sentimento e da emoção de um país inteiro. Na capa do *JT,* apenas a cena, com as palavras "Barcelona, 5 de julho de 1982". O trabalho rendeu ao fotógrafo o Prêmio Esso de Jornalismo, o mais relevante da época. Até hoje, ver uma reprodução da capa me faz voltar a sentir aquela dor. Éramos dois garotos de 10 anos, separados por milhares de quilômetros, compartilhando a mesma emoção por causa do mesmo evento. É, sem dúvida, o resumo perfeito da "Tragédia do Sarriá".

Para enfatizar ainda mais o impacto da seleção brasileira naquela Copa do Mundo, vale lembrar que, dois dias depois do jogo, o jornal *The Times* publicou um texto de Peter Fox que começava com uma declaração do técnico Bearzot, em que ele lamentava a ausência do Brasil no torneio. "Primeiro, eu preciso dizer que eles mostram o melhor futebol neste mundial. Lamento por eles." A reflexão se mostraria premonitória. No fechamento da reportagem, escrita num momento em que o mundo ainda estava de luto pela saída do Brasil, ele apontou uma esperança em relação ao futuro do futebol. "Vale lembrar que o antigo treinador da seleção Cláudio Coutinho (1939-1981), cansado de perder para times de menos brilho, como a Itália, tentou conduzir o Brasil rumo a um futebol mais europeu — sem sucesso. Inicialmente, seu sucessor, Telê Santana, também falhou. Mas se a música que o futebol que ele reviveu foi um fracasso, quero voltar a ouvi-la."

Toda a imprensa internacional tinha ficado em êxtase com o futebol mostrado pelo Brasil na Copa de 1982 e era consenso que a competição ficou mais pobre com a partida daquele escrete. Enquanto isso, os jogadores tinham de voltar para casa e encarar a torcida. E a recepção na chegada foi predominantemente de amor e adoração, pois a forma de jogar e o senso de identidade tinham trazido de volta o futebol brasileiro. A desconexão entre a seleção e os torcedores, que tinha ficado clara no final do período de Zagallo e durante todo o tempo em que João Saldanha e Cláudio Coutinho comandaram a equipe, tinha sido totalmente restaurada, enquanto a seleção brilhava na Espanha.

Contudo, porque as derrotas impõem indagações incômodas, a imprensa insistia em questionar: por que o Brasil não ganhou a

DEDOC

**1982 Brazil: The Glorious Failure,** de Stuart Horsfield; Pitch Publishing; 256 páginas; à venda, apenas em inglês, pela Amazon

Abraham Klein, o juiz, ao lado de Zico com a camisa rasgada e Cabrini: "Me lembro de Sócrates de cabeça baixa, no vestiário, como se fosse ontem"

Copa? Quem deve ser responsabilizado? E da euforia fez-se drama. Waldir Peres foi o nome mais criticado. O goleiro refletiu, de forma muito honesta, sobre as dificuldades enfrentadas em entrevista logo depois do Mundial. "Eu, junto com outros jogadores, como Luizinho e Serginho, fui tratado sem piedade pelos jornalistas, que insistiam em buscar culpados. As pessoas querem ter alguém a quem culpar. E eu senti uma enorme pressão nesse momento. Eu precisava manter a calma. Tinha filhos para cuidar e uma vida para seguir em frente." Luizinho tem uma lembrança um pouco diferente da volta. "Foi difícil voltar, após um resultado ruim. Jogar numa seleção que fez história pela qualidade dos atletas e a confiança de que podíamos vencer a Copa, felizmente, foi um fato reconhecido pelos torcedores. Eles sabiam que tínhamos honrado a camisa do Brasil."

Éder tinha sido um dos mais bem-sucedidos naquela campanha vibrante. Ao conversar sobre a volta para casa, ele disse que alguns jogadores não foram muito bem recebidos, mas foi obra de uma minoria. A grande maioria fez muita festa. "Eu fiquei feliz de estar de volta. Na minha cidade, muitas pessoas foram ao aeroporto celebrar. Acho que o mundo inteiro estava feliz com o futebol que jogamos naquela Copa do Mundo."

Assim que a euforia inicial com o estilo de jogo do Brasil começou a se esvair, até Telê Santana, que fora tratado como um messias naquela entrevista coletiva pós-jogo no Sarriá, começou a ser questionado por uma suposta ingenuidade tática ou a falta de controle sobre os jogadores. Sobraram críticas ao fato de não ter recuado o time após o 2 a 2 no placar para tentar garantir o empate que dava a vaga para a semifinal. Cansado da pressão e do permanente questionamento sobre sua filosofia de jogo e suas decisões na Espanha, Telê pediu demissão da seleção e foi treinar o Al-Ahli, na Arábia Saudita.

Para o Brasil, só o primeiro lugar seria aceitável. Os homens de Telê Santana haviam dado ao mundo uma demonstração do futebol-arte. Os jogadores aplicaram pinceladas gloriosas às telas de Sevilha e Barcelona, e os críticos estavam em êxtase. Porém, quando a renascença italiana chegou com sua própria assinatura neoclássica de futebol, os mesmos críticos rapidamente se esqueceram daquela maestria e passaram a se concentrar na desconstrução da tentativa brasileira de influenciar o mundo. ■

# O MENINO É O PAI DO HOMEM

O advogado José Carlos Vilella Júnior, hoje com 50 anos, o garoto da capa do *Jornal da Tarde*, conta o que sente ao rever a clássica imagem do fotógrafo Reginaldo Manente

"Não há como ver a foto do menino de 10 anos recém-completados, em prantos, sem lembrar do conhecido aforismo do poeta inglês William Wordsworth, que depois Machado de Assis citaria em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "O menino é o pai do homem". Eu, um homem de 50 anos, advogado, olho para o garoto com a camisa da seleção e sinto uma dupla sensação: de nostalgia trágica e de orgulho. A nostalgia, associada à derrota, me remete ao futebol nos anos 1980, de alguma ingenuidade e amor ao esporte sem as amarras comerciais e imposições financeiras de hoje. O orgulho brota de uma percepção individual, mas que imagino ser possível transferir para a sociedade: a relevância e beleza daquele momento. É sinônimo de fracasso, sim, mas também de como devemos enfrentá-lo, de coração aberto e sinceridade. É o retrato de um país que, em 1982, debruçado sobre o futebol, sonhava em dar adeus à ditadura militar, e terminou em lágrimas, depois daqueles três gols de Paolo Rossi.

Só um adulto poderia, quarenta anos depois, refletir com maturidade em torno daquele episódio — mas, pensando bem, não seria exagero dizer que o José Carlos menino intuía, de algum modo, o que acontecia no Sarriá. Pode soar inverossímil, mas não é: passadas quatro décadas, tenho lembranças perfeitas daquela tarde em Barcelona. É como se fosse aqui e agora. Lembro-me do ambiente no local, do estádio, do momento, do meu sentimento, de tudo. Eu era um pré-adolescente sentimental, sensível. Muito protegido por minha mãe, Vânia, desde pequeno, mimado mesmo. Filho único — minha irmã mais nova, Amanda, crescia na barriga da mamãe, lá junto com a gente. Eu estava de luto, emocionado, inconsolável, não apenas pela eliminação contra a Itália, mas por saber que nunca mais poderia ver aquele espetáculo novamente, aquela seleção, aqueles jogadores. Era o fim, e todo fim é triste. Despedia-me de um tempo de vida — talvez seja isso, em resumo, o que a foto revela.

Apareço sem fôlego, de tanto chorar. Chorava antes mesmo de o jogo acabar, encostado no alambrado logo abaixo da tribuna de honra onde estávamos. Tenho o peito estufado porque buscava um pouco de ar, que não vinha de jeito nenhum. Demoramos bastante até sair das cadeiras onde nos sentávamos. As lágrimas continuaram ainda nas instalações internas do camarote. Era consolado pela minha mãe e por outras pessoas sensíveis ante aquela visão de tristeza profunda. Bonitas recepcionistas espanholas, lembro bem, tentaram me ajudar. Mas não adiantava. O sofrimento não passava. A ponto de meu pai, sério e vaidoso, um homem de seu tempo, ter brigado comigo por não parar de chorar.

Acompanhei a Copa desde o início, junto com um grupo de amigos do meu pai, José Carlos Vilella, advogado do Fluminense, pejorativamente conhecido como "o rei do tapetão", porque nunca perdera uma causa. Nos puseram em um setor nobre, ao lado de autoridades. Logo abaixo ficava o setor de imprensa, com repórteres e fotógrafos. Antes mesmo do início da partida já havia percebido as câmeras de fotografia apontadas para nossa direção — e sobretudo para minha mãe, ex-miss, uma mulher muito bonita. Não havia sensação melhor: era uma Copa do Mundo, instante único, de genuína euforia para um garoto que tinha completado 10 anos logo depois da vitória sobre a Escócia. Estava no Olimpo. E então veio o pesadelo. Doído, mas que hoje identifico

# jornal da tarde

Cr$ 50,00

Terça-feira, 6 de julho de 1982. Número 5.083. Ano 17

O ESTADO DE S. PAULO

BRASIL

## Barcelona, 5 de julho de 1982.

A edição histórica: uma imagem e uma legenda simples numa das mais conhecidas primeiras páginas da imprensa brasileira

REPRODUÇÃO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

como marco de transição pessoal, da meninice para a adolescência, e do Brasil, da repressão para a democracia. Aquela foto — que só vim a saber que fora capa do *Jornal da Tarde*, no lindo registro de Reginaldo Manente, quatro anos mais tarde, porque morava no Rio de Janeiro — é o retrato mais relevante de toda a minha vida. E o que poderia ser o símbolo de um história com final infeliz ganhou outra conotação: a esperança de dias melhores. Éramos felizes e não sabíamos. Felizes pela qualidade daquele escrete. Felizes porque o Brasil, apesar de tudo, apesar da permanente desigualdade, caminhava para virar a página da ditadura. É história que me comove, que relembro sempre para meus filhos, e autoriza uma certeza: o menino é mesmo o pai do homem." ■

Advogado em Santa Catarina, ele hoje tem 50 anos: "Só vim a saber que fora capa quatro anos mais tarde, porque morávamos no Rio de Janeiro"

REGINALDO MANENTE

# O INSTANTE CERTO

A primeira câmera digital chegou às lojas em 1988 — durante a Copa do Mundo de 1982, portanto os repórteres fotográficos trabalhavam com aparelhos analógicos, ainda um tanto pesados, grandalhões, e com rolos de negativos. O processo de transmissão de imagens da Espanha para as redações de jornais e revistas era uma aventura romântica. Inicialmente, revelavam-se os filmes e, a partir dos negativos, tratava-se de imprimir o que se chamava de contato — os registros pequenos, do tamanho de um retrato 3 por 4, em sequência, um colado ao outro, a partir do qual se escolhiam os melhores cliques. A foto eleita era então ampliada e levada a uma traquitana chamada telefoto. O aparelho — de zunido eletrônico característico, alto e irritante — enviava as imagens por meio de linha telefônica. Era batata: se por trás de portas de quartos de hotel houvesse o incômodo barulho madrugada adentro, era certo que havia ali um profissional enviando seu trabalho para a sede.

O fotógrafo Reginaldo Manente, que trabalhava para o *Estadão* e o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, estava abaixo da tribuna de honra do Sarriá naquele 5 de julho. Quando o israelense

Abraham Klein encerrou a partida, Manente apontou sua Nikon de lente curta para a carioca Vânia Pinto Padilha Vilella Rabello, que chorava copiosamente, borrando a maquiagem. Ela relembra: "Estava triste com meu filho, o Júnior, agoniado, tentando segurar o choro. Mas aí ele também caiu em prantos. Eu disse: 'Calma, tem outro jogo ainda", atrapalhada com a tabela, nervosa. 'Tem nada, acabou', ele me disse".

Manente fez dez ou quinze chapas. "Tive sorte, o lugar estava à sombra, com pouca luz", diz. "Fosse naquele sol forte, não teria o efeito que teve, perfeito equilíbrio de tonalidades." Ao chegar ao hotel, o chefe da cobertura, Roberto Avallone, quis logo saber dele: "Fez torcida?". No quarto, ao lado do companheiro de trabalho, Alfredo Rizzutti, Manente revelou o filme. Fez o contato e circulou com um marcador a chapa que lhe parecia mais interessante. "Acho que tenho uma boa foto", disse ao amigo. "Fotos boas sempre temos", ouviu como resposta. Manente voltou a insistir, pediu atenção, ao que Rizzutti aquiesceu. "Caramba, é boa mesmo." Foi dar na capa do *JT*, com a data da tragédia à guisa de legenda. O repórter Vital Bataglia, que também estava em Barcelona, ao ver a fotografia mais tarde, começou a chorar como o menino, uma, duas, três vezes. Manente enviou aquele único clique para ser publicado — e guardou um tesouro, a série que mostra os segundos exatamente anteriores e posteriores ao instante certo. É possível que a imagem da mãe do menino retocando a maquiagem também gerasse comoção.

O contato com a série de cliques: retoque na maquiagem da mãe abalada com as lágrimas do filho

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

Álbum de família: pai, mãe e filho na Espanha e o registro dos jogadores perfilados contra a Argentina

# OS DERROTADOS NÃO ESQUECEM

Trinta e dois anos depois do Maracanazo de 1950 diante do Uruguai, acompanhado pelo rádio, uma outra geração vivia sua tragédia futebolística, agora com os olhos na tevê

Ivan Martins*

Pior do que não lembrar é ser incapaz de esquecer. Eu lembro perfeitamente da ansiedade que me invadiu desde que abri os olhos naquela manhã. Era 5 de julho de 1982 e o Brasil jogaria com a Itália pela segunda fase de grupos da Copa do Mundo. É difícil explicar aos brasileiros jovens, criados num país dividido, a unanimidade encarnada pela seleção brasileira de futebol quarenta anos atrás. Aquele time nos representava e, não por acidente, era o melhor do mundo. Nele havia um armador de figura quixotesca que tratava a bola com a mesma inteligência que dedicava às ideias, Sócrates. Havia também Zico, talvez o grande atacante brasileiro depois de Pelé, e Falcão, o catarinense que se movia pelo campo com elegância letal. Era ainda o time de Junior, o melhor lateral-esquerdo do mundo, e de Leandro, que driblava pela lateral direita como se fora ponta. Repleto de craques, o conjunto era dirigido por Telê Santana, uma espécie de Pep Guardiola da época: seus times nunca recuavam, nunca jogavam na retranca, nunca davam pontapés; e quase sempre venciam. Os 126 milhões de brasileiros de então olhavam para aquela seleção com certeza absoluta de vitória.

Naquela segunda-feira o trabalho foi um estorvo. O jogo seria à tarde e a manhã ensolarada de inverno não avançava. Aos quase 22 anos, eu estagiava como assessor de imprensa na Siemens — era meu último ano na faculdade de jornalismo — e percebi que mesmo os funcionários alemães não viam a hora de que o jogo começasse. Eles, ingenuamente, achavam que a Itália tinha alguma chance. Nós, brasileiros, sabíamos que não. Fomos liberados uma hora antes da partida — naquele tempo o Brasil parava para ver o Brasil jogar — e o motorista de táxi que me levou à USP estava um pouco menos otimista do que eu. “Vai ser um jogo duro, 2 a 0 para nós”, ele previu. “Nada”, eu respondi. “Vai ser um passeio, como na final de 1970; 4 a 0, fora o baile.” Nós dois rimos, felizes.

No apartamento espartano do conjunto residencial da USP, a namorada (que se tornaria minha mulher e mãe de dois dos meus filhos) me esperava com a TV ligada e uma cerveja aberta. Só nós dois, sentados num colchonete, tensos diante do aparelho que a minha memória garante que era em preto e branco. O que aconteceu na sequência pode ser descrito como uma montanha-russa seguida de um desmoronamento. O Brasil precisava de um empate para avançar para a semifinal, mas tomamos o primeiro gol de um magricelo impertinente chamado Paolo Rossi, aos cinco minutos de jogo. Sete anos depois, quando meu primogênito já tinha 4 anos, voltei à USP com ele no colo para ver um treino da seleção italiana de seniores, que disputava em São Paulo a Copa Pelé. Lá estava Rossi, acanhado e muito menor do que eu imaginava, dando voltas de aquecimento no gramado em companhia de Gentile, o defensor de cabelos crespos que dera incontáveis pontapés em Zico no jogo de 1982. Ao meu lado, na beira do campo, foram se aglomerando outros torcedores, e logo começaram os palavrões dirigidos a Rossi. Tentei argumentar contra aquela grosseria com o su-

* Ivan Martins, 61 anos, é psicanalista, jornalista e autor dos livros *Alguém Especial* e *Um Amor Depois do Outro*

ANTONIO AUGUSTO FONTES

As ruas enfeitadas para a glória canarinho na Espanha: memória em preto e branco

jeito ao meu lado, um homem simples, funcionário da universidade, mas ele me ignorou. Cada vez que os italianos passavam, ouviam mais xingamentos. Logo perceberam que era mais seguro correr longe dos torcedores, e se afastaram. As vitórias são para sempre, mas o rancor dos derrotados é ainda mais duradouro.

De volta a 1982, Sócrates empatou o jogo em Barcelona com um chute cirúrgico, rasteiro, rente à trave direita de Zoff, o goleiro italiano. A ordem cósmica fora restabelecida, pensei. Ledo engano. Treze minutos depois, Rossi voltou a marcar, aproveitando-se de uma falha do genial Toninho Cerezo. O técnico italiano diria depois que os brasileiros haviam jogado como se fossem invencíveis, e estava certo — os deuses não sabem que podem ser derrotados. Coube a Falcão empatar a partida aos 23 minutos do segundo tempo, num dueto de balé espontâneo com o mesmo Cerezo, coroado por um chute magistral de fora da área. Eu respirei de novo, mas a namorada parecia aflita. Ela não entendia nada de futebol, mas sabia que não era normal sofrer assim torcendo pelo Brasil. Algo parecia quebrado na engrenagem do universo. E estava. Seis minutos depois do petardo de Falcão, Rossi marcou de novo. Começava o desmoronamento. Ainda transcorreriam dezesseis brevíssimos minutos de jogo, mas a partida, simbolicamente, havia acabado. O Brasil não conseguiria empatar pela terceira vez. O time parecia emocionalmente esgotado, tal como eu. Quando o juiz apitou o final, peguei meu paletó e fui embora, incrédulo, sem dizer palavra. Vaguei pelo câmpus, peguei o primeiro ônibus, fui parar no centro da cidade. Estava arrasado, e vi um monte de gente ainda mais triste. Na frente do bar Redondo, na esquina da Avenida Ipiranga com a Rua da Consolação, um homem de terno como eu, mas muito mais velho, estava sentado na sarjeta com ar desarvorado. Pensei que ele teria idade suficiente para ter acompanhado pelo rádio a derrota de 1950 diante do Uruguai, que recebera o apelido de Maracanazo. Trinta e dois anos depois, naquela tarde fatídica de 5 de julho, entendi que o Brasil vivia outra tragédia futebolística, a maior da minha geração. ■

# SELEÇÃO BRAS

# SILEIRA DE 1982

Em pé, da esq. para a dir., o time titular: Waldir Peres, Leandro, Oscar, Falcão, Luizinho e Junior; agachados: o massagista Nocaute Jack; Sócrates, Cerezo, Serginho, Zico e Éder

MATTHEW ASHTON/EMPICS

## VIROU PÓ

E então, em 1997, quinze anos depois da vitória italiana, o Sarriá foi demolido. Não sobrou nada de concreto para contar a história. Os torcedores do Espanyol, clube proprietário do lugar, que o havia vendido a empreendedores um pouco antes, protestaram em vão. Para eles, era palco de alegrias e algumas tristezas. Para os italianos, só felicidade. Os brasileiros não chegaram a celebrar a derrubada, mas houve quem sorrisse escondido com o adeus ao coliseu catalão. Foi tarde? Talvez sim, diriam os mais sinceros. Adeus.

## O CHORO POR ELE

E então, em 9 de dezembro de 2020, Paolo Rossi, *il bambino d'oro*, morreu em decorrência de um câncer no pulmão, aos 64 anos. O velório, em Vicenza, cidade onde foi descoberto para o futebol, campeão da série B logo na primeira temporada, atraiu populares e companheiros da Itália vencedora de 1982, como Tardelli e Cabrini. Nas redes sociais, Falcão, sempre elegante, homenageou o algoz com emoção, em português e italiano: "O Brasil já chorou por causa dele, agora chora por ele".

# O ESTÁDIO SE CALOU

O futuro estava mesmo seriamente ameaçado. Desde aquela tarde no Sarriá, impera o futebol pragmático, burocrático e covarde

> “Deixei para trás uma geração que merecia uma Copa, que jogou muita bola, produziu arte e nos fazia chorar, ganhando ou perdendo”

No trem, sozinho, contemplando a paisagem entre Espanha e França, chorei. Faz quarenta anos e foi a última vez que derramei lágrimas por causa de futebol. Não tinha dúvida de que o futuro do futebol-arte estava seriamente ameaçado após aquela derrota de 3 a 2 do Brasil para a Itália. Infelizmente não errei e, desde então, impera o futebol pragmático, burocrático e covarde.

Na Copa de 1982 estava sem clube, treinava no Sevilla para manter a forma e morava na casa do Carlos Alberto Pintinho, que havia dois anos jogava no clube espanhol. Gil era o artilheiro do Murcia e fizemos uma festa quando soubemos que a seleção brasileira ficaria sediada em Sevilha. No hotel, além da delegação, circulavam os banqueiros do jogo do bicho, Anísio Abraão David e Luizinho Drummond, Fagner, Nelson Motta, outros cantores, jornalistas e personalidades variadas. Quinze mil brasileiros invadiram a Espanha. Nos dias de folga, Junior, Zico, Paulo Sérgio, Éder e Paulo Isidoro, esses dois últimos meus parceiros de Grêmio, corriam para a casa de Pintinho. Quando passamos de fase, a convite do nosso parceiro Jackson Uchoa, pegamos um navio de Cádiz para Barcelona e fizemos a maior festa durante o trajeto.

O Brasil deveria ter jogado no Nou Camp, mas por pura politicagem fomos empurrados para Sarriá, um campo menor, que favorecia o estilo de jogo defensivo da Itália. Mas ganhamos da Argentina e encantamos o mundo. A Itália havia feito uma primeira fase horrível e ninguém cogitava uma derrota brasileira. Mas a grande verdade é que a seleção italiana era muito boa e surpreendeu o Brasil jogando ofensivamente. Zoff, Tardelli, Scirea, Cabrini, Conti, Altobelli, Graziani, Antognoni e o carrasco Paulo Rossi. Não dá para dizer que foi zebra, mas a seleção brasileira era superior. Aquela cabeçada do Oscar até hoje acho que a bola entrou.

E, então, o estádio se calou. Dei meu ingresso da final para o meu compadre, o lateral Marco Antônio, e voltei para Marselha. Deixei para trás uma geração que merecia uma Copa, que jogou muita bola, produziu arte e nos fazia chorar, ganhando ou perdendo. ■

O bilhete de Itália x Alemanha Ocidental, em Madri: “Dei meu ingresso da final para o meu compadre, o lateral Marco Antônio”